

A COMEDIA PORTUGUEZA, enviando a todos os seus amáveis assignantes as boas festas pela entrada do anno novo, aproveita o momento para agradecer fervorosamente as ininterruptas manifestações de sympathia de que tem sido alvo até hoje.

Podemos regosijar-nos de que nenhuma publicação entre nós, tem tido um tão rapido crescer de popularidade, e isto força-nos a pensar, dia a dia, em melhorar successivamente o jornal.

Não temos podido fazer quanto desejaríamos, é certo, mas esperamos poder conseguil-o se formos secundados pela protecção do publico.

Reiteramos os nossos agradecimentos como as nossas promessas.



E quanto a espectáculos: abriu na quarta feira o parlamento, com pouco menos de meia concorrência na sala, e pouco mais de concorrência e meia nas galerias. Detalhe typico. Os bilhetes de entrada vinham marcados da rubrica — *admissão só para homem* — o que nos leva a crer que o proximo anno parlamentar seja, como o passado, um tantosinho pornographico, visto como já na sessão inaugural se procurava desviar da scena os olhos das senhoras. Poucas lá estavam, effectivamente, á parte as que lá foram por imposição do cargo, embutir no fundo escarlate do throno os seus bustos do mais puro alabastro... constitucional. E aqui entre nós — é singular como as senhoras da sociedade são modestas — em decotado. Algumas, que de vestido affogado ostentam espadoas surprehendentes, e moldaduras de busto phidiascas quando n'uma sala de baile, abrem um pouco á luz dos lustres, os thesouros de Pomona, fazem o espectador detestar o inverno — essa quadra antipathica dos figos passados.

Ainda outro dia, no baile dos marquezes da Foz (a exposição de moveis mais artistica que Lisboa tem visto á luz de lampadas electricas) se confirmou o diagnostico d'este singular emagrecimento d'espadoas, endemico, segundo parece, em noites de baile, entre as formozuras patricias de Lisboa.

Cada decote! — E tudo para que? — Nada desagradavel como ver uma grande porta de quinta escancarada sobre algum arido melancial, aonde as melancias ou faltem, ou tenham o tamanho de maçãs.



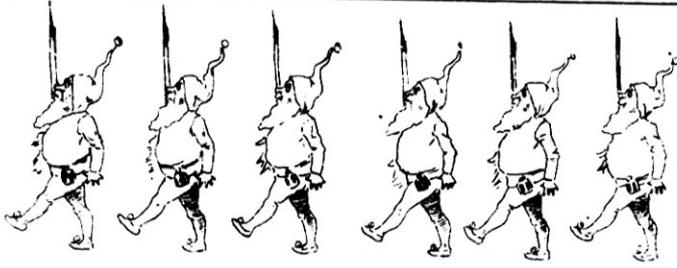
Acreditarão vocês que uma senhora prolongou a abertura do corpete, n'este baile, até para além dos calcanhares? E o *Illustrado* então! — «A condessa de X vestia um elegante toilette de hypothese, ROSE PALE, e plumas d'avestruz no fim das costas.



Não nos diz o jornal se as plumas n'este sitio teriam movimento, ou sequer haveriam ficado bem metidas... não fosse acontecer á dama, em plena dança, o desastre do gaio que se enfeitou co'as pennas do pavão.



Oh! esse baile foi primeiro do que tudo uma apotheose ao talento do entalhador Leandro Braga, em obra de talha, e um fiasco medonho para o Padre Eterno, em obra d'osso. Elle sempre havia clavículas d'um atrevimento! — Estes rodopios de formozas, dizia um amigo nosso que voltava do buffete, esbaforido d'acotovelar quatro marquezas, n'uma caçada a um prato de *croquettes*: estes rodopios de formozas dão-me a ideia do deserto, ao centro d'Africa... as mesmas ossadas, branquejando sob os mesmos areaes de pó d'arroz; e de quando em quando um camello que as farisca, de monoculo. E que de signaes de borbulhas, fleigmões, e antigos sinapismos! Filhas de condessas, entrançavam com doinaire os cabellos que lhes crescem nas costas, com mais luxuriantes azeviche do que o que o Godfroy lhes empresta pr'ós toucados. D'uma joven marqueza ouvi dizer que usa tres cuias — a primeira no alto da cabeça; entre as espadoas a segunda: quanto á terceira... — O ladrão do negro melro, onde foi fazer o ninho... — oh! mas é que o marquez podia-se escandalisar da minha indiscripção!



O discurso de corôa foi este anno um verdadeiro discurso de pinto, tão pipiante a voz que o recitou, e tão concisas, rapidas e incidentaes as phrases consagradas pela bocca d'el-rei aos actos do seu governo, durante o anno findo.

S. M. passou por todos aquelles episodios — qualquer tivesse sido a magnitude do assumpto—mal comparado, como vindimador por vinha vindimada, rabiscando esta ou aquella esgalha d'assumpto que menos susceptibilidades poderia provocar na opinião. O todo confeccionado em sandwiches affectuosas, constitucionalmente mesquinhas, e muito embrulhadas em papel côr de lilaz.

No dizer da oração, as finanças nacionaes prosperam a olhos vistos, e a firmeza do credito publico é cada vez mais inabalavel. N'este ponto os amanuenses que ouviam, desataram em berreiros de protesto: e um professor d'instrucção primaria pedia ao sr. José Luciano lhe ensinasse sequer uma taberna, aonde elle podesse comer uma canja a fiado.

Tanto o credito publico é prodigioso, que o governo se propõe especar o dos bancos portuenses, que se acham actualmente á dependura, mercê da construcção do caminho de ferro de Salamanca. É natural que o governo estenda aquella protecção ao banco dos reus, não tenha de sentar-se n'elle, mais dia, menos dia, algum ministro; assim como ponha fundas nos capitalistas que surjam na praça, quebrados — prevenindo o caso de que pela ruptura se esventrem os intestinos da finança portugueza, cujas fecalidades nos dariam talvez a chave de tantas das nossas grandes fortunas actuaes.



Na quinta-feira foi o primeiro dia de sessão. Praça tranquilla: um ar de thedio, de missa por alma, e vaccas magras. Coiza notavel, que fere a nota do desprendimento que teem pelas grandezas da vida, ainda hoje, os paes da patria — entre 58 deputados que estiveram, mais de quarenta pelo menos appareceram sem luvas — e pobres modestos! se preparavam para mandar voltar as sobrecasacas. E esta pobreza honrada redime e consola! Pois se é certo que a voltadura das casacas seja frequente coisa em deputados, toma nobreza, á luz da moral, esta isempção dos nossos homens politicos, que eliminaram as luvas da toilette (sacrificio ao dandysmo) desde que o uso d'ellas se tornou motivo de suspeita, á aproximação d'um syndicato.

Presidia á sessão o sr. Estevão de Oliveira, hi-deputado ao que parece, visto sel-o por Evora, e sel-o decano — honrado creador de bois, homem quadrado, e que em verdade tem sobre a cadeira da presidencia, a mais bella expressão provincial.

Sómente, sob o influxo d'este homem (que nos recordaria uma Céres, de suissas, distribuindo feno aos garraios d'um concurso pecuario) a sessão parlamentar reveste assim um ar de feira, de férra, e de folia, através da qual a gente vê passar a rebanhada dos Panurgios, balando os apoiados que lhes ensinaram os bodes-mestres da maioria.

Oh! não teremos este anno, sob o docel azul da presidencia, aquelle nosso adamado Rodrigues de Cárvalho, tão subtilmente peralta em seus *toilettes*, e sobre cuja edade tantas e tamanhas discussões se levantavam outr'ora na galeria (deve este cavalheiro hoje contar entre desoito e setenta annos!) — e sobre cuja côr de bigode tamanho mysterio anda suspenso: suspeitando uns que elle houvesse sido preto, e dizendo outros que elle está vermelho de mais, para não ser já todo branco.



Uns poucos de jornaes novos na cidade, e outros com fundilhos de lona, simplesmente — o que não quer dizer reviviscencia nenhuma em jornalismo, nem tão pouco representa o espadanar d'uma corrente nova, no vae-vem de banalidade que enche as columnas dos periodicos.

Pela larga porta do palacio Ferreira Pinto, ás Duas Igrejas, contiñam a sahir redactores do *Reporter* ás dezenas, e ainda parece lá fica pessoal avondo para a factura do numero quotidiano. Desde o começo do anno que o jornal se offerece aos leitores por dez réis cada exemplar — podendo alguem suppôr que o *Reporter*, tendo perdido um a um os seus redactores para vintem, se resignasse alfim a fornecer ao publico, por meios preços, uma imitação de si mesmo — em pacotilha.

Erro profundo! O *Reporter* não é positivamente dirigido ahi por qualquer visconde de S. Marçal; e como poucos jornaes elle se orgulha de possuir, portas adentro, as mais bem aparadas penas d'estes reinos, e mosaistas de *faits-divers* da mais hillariante envergatura.

Mas Senhor Deus!

Sendo certo que um redactor quasi sempre vale pelo que peza, como é que o *Reporter*, emquanto teve *Junius* na direcção, um magricella d'aquelles! se vendeu por vintem, e passa a dez réis agora que está na chefatura o corpulento José Maria d'Alpoim? Acaso desceria a carne? Ou o *Reporter* deita-se agora, depois da lenda dos rapozinhos, á glorificação do osso?

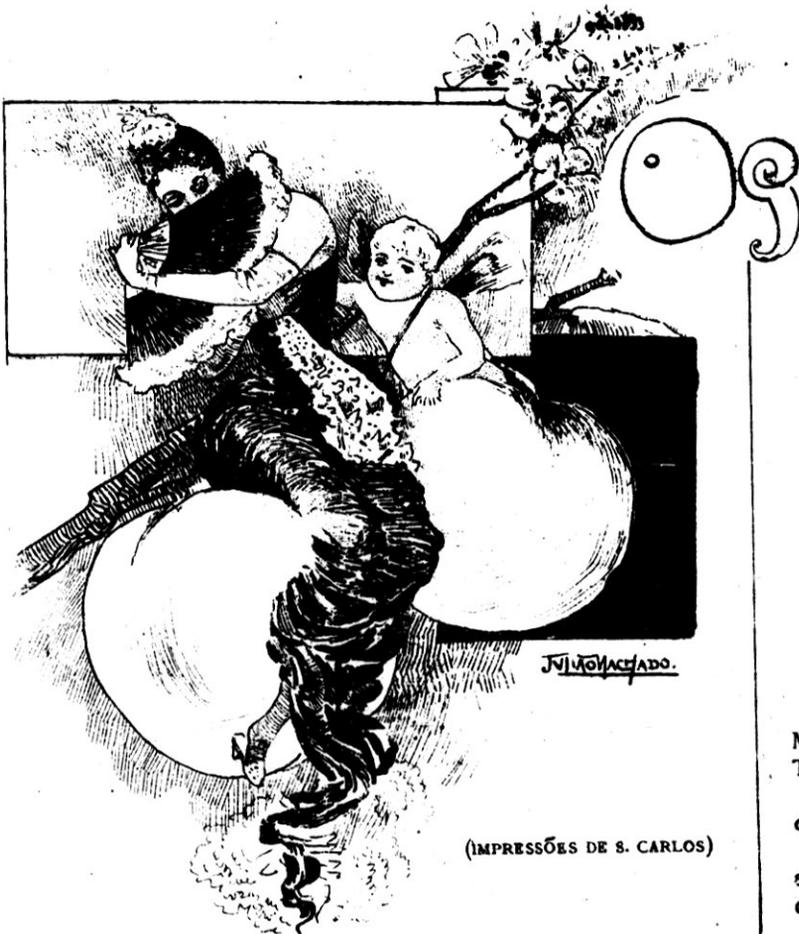


Appareceu um diario chamado o *Tempo*, primogenito das *Novidades*, cujo aspecto é ainda mais esfalfado do que o dos senhores seus progenitores. A que se destina o *Tempo*? A fazer um ministro? Poderá chamar-se então o *Tempo... das uvas*. A refinar ainda mais o *carnet-mondain* das *Novidades*, areando de galantarias exangues os casamentos e jantares das familias janoto-afidalgadas? Ficar-lhe-hia bem n'esse caso o *Tempo... dos lausperennes*.

O mais certo é o jornal ter vindo a terreno como o douctor Fausto, quando sobe o panno para a opera, logo depois da symphonia — a fingir um velhote alquebrado, engelhado, amortecido, para n'um dos proximos numeros surprehender os leitores co'as elegancias tenorescas d'um campeão gentil e gracioso. É provavel que a dar-se o caso, os assignantes lhe não fiquem chamando o *Tempo... da espiga*.

Porém até lá, collega amavel, deixe que lhe chamemos *Tempo... de chien*; e lhe demos os bons annos, sobraçando sempre em guarda chuva.

Irkan.



(IMPRESSÕES DE S. CARLOS)

Não sei, e envergonha-me o dizel-o, quem foi o inventor do decote, sabendo aliás quem descubriu as leis do pendulo, e outras insignificancias d'este jaez. Mas quem quer que fosse não tinha o cerebro menos bem conformado para descobertas luminosas, do que Galileu ou Torricelli. Se foi mulher tinha por força o colo de Ignez de Castro, a «colo de garça» —; se foi homem, declaramos francamente, era um finorio, um maganão de bom gosto.

Theophilus Gauthier dizia que para ver uma mulher completa, bastava ir ao campo e á cidade. Via se por metade em cada sitio. O illustre mestre não conhecia ainda a ultima conquista do nú sobre o corpete, que ameaça matar-lhe a graça da phrase, porque não virá longe o poder vêr-se uma mulher toda, só na cidade: — bastará ir a um baile ou a uma recita de gala e olhal-a... por cima do hombro!

O decote marcha! e elle não tem o bom Deus que lhe diga, como diz ao mar: até aqui não mais!

De modo que estamos na eminencia de poder ver, na cidade, de uma vez, com um mesmo unico olhar, o que já se vê e o que só se via no campo, no tempo menos feliz do observadôr Gauthier.

Ora tendo percorrido com o meu olhar de astrônomo consciencioso, as dezenas de esferas que brilharam no céu da plastica portugueza na ultima recita de gala, tendo procurado com o meu binoculo o gráu da sua visibilidade, na passagem pela nossa orbita, em relação com as leis moraes que regem o apparecimento e o eclipse d'estes corpos celestes, eu poude formular um pequeno feixe de regras, que offereço aos leitores da *Comedia Portugueza*, certo que não desprezarão estes pequenos dados de astronomia domestica. Resta-me tambem a gloria de ter creado este novo ramo de sciencia, nunca descripto por Secchi ou Flammarion, que eu saiba.

Ha cinco typos fundamentais do decote.

- O decote quadrado.
- O decote redondo.
- O decote em arco de flecha.
- O decote em V grande.
- O decote em taça.

Decotes



DECOTE QUADRADO. — Senhora de temperamento equilibrado Mãe de filhos. Decota-se por ser da etiqueta e o marido o exigir. Todavia encontra-se-lhe uma certa castidade na forma.

Vê-se apenas ao centro do peito um começo de sombra, n'umas ondasitas de renda que se elevam para os lados.

Usa mangas até ao meio do antebraço; a luva vincada quasi as alcança, deixando apenas visivel uma estreita fita branca de carne entumescente.

Decote exemplar.



DECOTE REDONDO. — Se é usado por senhora de meia idade representa um artificio, esconde algum defeito. Se é uma rapariga, ou uma menina se acharem mais delicado, denota um temperamento lymphatico, pouca resolução, indifferença pelos homens, inconsciencia do valor proprio. E' toda de transigencias, de concendencias, de attensões frias, de affectos calmos. Uma monotonia, uma vida redonda, sem attrictos. Quem quizer cazar pode encontrar uma «menagère»; quem quizer amar afoga-se n'um lago, ou adormece na conversa.



EM ARCO DE FLECHA.—E' a primeira tentativa da emancipação. Estabelece a transição entre o decote em arco e o decote audaz em V. grande.

Presente-se na mulher, que o uza, um principio de revolta contra o pudôr, em prol da belleza. E' como o tatear da espada para o combate. Temperamento sanguineo, fogoso, apaixonado. Ama ou odeia. Não conhece meio termo. Se ama é capaz de todos os sacrificios, se odeia arrosta com todas as vinganças.

No fundo é boa, franca, generosa.

O decote é no seu colo uma provocação e uma barreira; nem tão pouco que faça pensar em falsos pudôres, nem tanto que provoqe o desrespeito dos olhares communs.

Tal será para o marido ou para o amante: nem tão pouco amôr que rasteje na frieza, nem tanto que se abeire da loucura.



DECOTE EM V. GRANDE.—A revolta franca. Insidioso, o mais insidioso dos decotes! Ousado e delicado, fingindo esconder e revelando todos os segredos, por bocejos, em pequenas contracções: ousadamente, desce, premindo sem se amoldar ao collo. Denota em quem o usa um temperamento nervoso fortemente accentuado. Mulher caprichosa, amante do luxo, ciosa da belleza, amando os homens que a adoram, desprezando os timidos, entregando-se ao amor ruidoso, que dá que fallar, nos bailes e nos clubs.

E' capaz de todas as loucuras, ciumenta, amante, ousada, como de todos os sacrificios. Sensível em extremo; um fundo de bondade espontanea, immerso n'uns vapores vagos de hysteria.



O DECOTE EM TAÇA.—A emancipação! A luz! Desappareceu o corpete, em compensação apparece tudo que elle costuma esconder. «Rien est beau que le vrai!»

Temperamento inqualificavel, como tudo o mais. O espelho revelou-lhe a belleza do busto, ella mostra-o. Não ha pudôr nem impudôr. Se fosse Suzana ter-se-hia rido para os velhos, ao sahir do banho.

Um corpo de mulher! nunca se viu?

Deixar-se-ha amar, sem amar nunca. O unico cuidado da sua vida é a belleza do collo.

Marido ou amante terão n'ella uma vontade branda, um desleixo em tudo, um amor de capilé, com muito assucar, enjoativo.

E' das que vulgarmente se diz: bonita lesma!

D'estes typos fundamentaes derivam todas as outras fórmãs, mais ou menos correctas, accentuando ainda variedades de caracter, no côrte, na ornamentação e na côr.

Assim ha o decote liso, nem renda, que se adstringe ao corpo, ciosamente, como um amante feliz, revelador d'um caracter firme altivo e distincto, e o decote extravasando rendas, floconosas, côr de marfim velho, estojo espumoso dos peitos, indicador de voluptuosidade, de amores requintados, patricios.

As mulheres vaidosas cravejam as rendas do decote com brilhantes; as «coquettes» envolvem a tumidez espartilhosa dos peitos n'um tenue véu negro de renda, a dar á pelle a brancura do leite coagulado; as pudicas, as novas, as que entram no mundo, as que não perderam ainda a faculdade de estremecer intimamente, perante a inspecção grosseira d'um olhar, ou pela analyse provocadôra d'um binoculo, afogam castamente a nudez, na transparencia discreta do gaze.

E o seu colo, vagamente esboçado, quasi occulto na penumbra ligeira do tecido, rescende um perfume estranho de flôr rara e lembra um ninho d'espuma onde descansam duas rolas adormecidas.

Taes são os rapidos apontamentos que encontrei na minha carteira mundana.





CAPA E BATINA

Os estudantes do lyceu de Lisboa despeitados porque, desde o carroceiro da camara até ao gato pingado, toda a gente, entre nós, tem um fardamento para os dias solemnes e não solemnes, animados pela chegada da *troupe* chinesa, envoltanos seus balandras ramalhentos e pintalgados, resolve, ó dia memorando! aproveitar a concessão do sr. ministro do reino para poder usar... capa e batina!



Teem razão os rapazes. A capa e a batina tem as suas tradições gloriosas de bohemia. São quasi um symbolo da alegria doida, das troças, do fino espirito da mocidade dada aos convívios de Minerva.

Até hoje nada tem havido de mais tradicionalmente modesto, *gauche*, acanhado, bisonho do que o estudante de Lisboa. Alguns que tenham tido espirito, ou coragem, ou alegria, teem desaparecido pelos gabinetes das secretarias, no desconhecido dos automatados, na inercia dos que alcançaram o fim do seu trabalho — um emprego publico — a miseria de boquiha e charuto de vinte e cinco.

Teem razão os rapazes. Agora já se sabe que ha estudantes. É vel-os passar com as suas capas negras e as suas batinas escorridas. Pódem ser tolos á sua vontade, ninguem os confundirá com elles!

Um estudante, aquillo é um estudante? que gracioso deve ser, e alegre e folgazão! E n'esta aura, calourada amiga, prepassai nos arruamentos e reparaí nas gelosias.



É de longa data esta pretensão academica. O estudante de Lisboa teve sempre na garganta entallada a espinha do desfardado. Elle nunca aspirou á gloria de ter uma Universidade velha, com salas monasticas, claustros e escadarias. Nunca exigiu uma quinta dos Cannas, um penedo da saudade, um salgueiral com um Mondego ao lado. Nada d'isso lhe importava e lhe fazia cócegas, o que elle não podia tolerar era a ausencia da capa que se deita na relva e serve de cama, que se remenda á noite no quarto e apparece mais gloriosa no dia seguinte, que tapa as joelheiras das calças, embuça a fronte nas emprezas nocturnas e se desdobra arquejante ao vento como um pendão glorioso. Oh! isso é que elle não podia pensar sem ciumes. Depois vinham as commissões de Coimbra a Lisboa. Que ferro!

Tão estranhas as commissões, tão distinctas!

Arranjavam fitinhas com que ornavam as lapellas, mas não tinha graça e... ninguem reparava. Então apparecia o requerimento.

Sampaio um dia massado respondeu: usem o que quizer, até uma albarda se gostarem.

Esta resposta esfriou, por annos o desejo academico.

O sr. José Luciano respondeu mais palacianamente: use quem quizer.

É a formula do governo progressista: cada um faz o que quer. Dilicioso.

Este é o anno pois em que parte dos estudantes de Lisboa começaram a usar os alegres e distinctos trajos fradescos, admirem-n'os, e registe-se a data.

Ainda se usassem penacho!... Semsaborões.



HEREJES

É costume celebrar-se na Sé uma missa ao Espirito Santo para illuminar os representantes do povo na missão do bem legislar.

Parece que estes senhores deviam assistir á missa e esperar a lingua de fogo que cahisse da aboboda.

Nada d'isso. Um collega espanta-se d'este pouco cuidado em procurar sciencia infusa nas abobodas da Sé e estranha que só dois — dois — levassem ante o altar a sua confiança no Santo Espirito.

Nós sentimos porque pagando aos senhores deputados para representarem o seu papel, não prescindimos nem os desculpamos de se exhibirem das entradas que lhe competem, em scena. Façam favor de representar de catholicos, apostolicos, romanos e de fingir ao menos que acreditam n'estas coisas que é para a gente fingir que acredita nas suas apoplexias de patriotismo e nas suas leis.

Que se inspirem ou não, a obrigação é estar na Sé a inspirar-se! e vá lá que por 3\$333 réis merece a pena ouvir uma missa seja a que espirito fôr.

Se lhes descontassem o dia na fêria veriamos como enchiam a nave e cram capazes até de levar ripanço.

Ora pois.

D. MARIANNO 1.º

Esta dynastia, descancem os leitores, não está ainda definitivamente erguida no solo dos nossos maiores.

Se bem que para partidarios exaltados, sua excellencia acima dita, devesse ter a ornar-lhe a calva, que já sem lisonja se não pôde chamar incipiente, uma corôa real, cheia de gemmas preciosas, o que é certo é que o escalvado frontal sob que lhe rumoreja a caldeira dos pensamentos, não conhece mais do que o barrete de dormir, o chapéu alto e o bicorne glorioso de ministro!

O sr. José Feliciano Oliveira teve porém a idéa de o elevar a dynasta, para segundo os nossos velhos habitos lhe poder chegar a valer com pouco perigo (todos sabem como os reis soffrem com resignação) e essa idéa valeu-lhe que o sr. Moraes Sarmento o mandasse prender.

O homem, por uma amabilidade fantastica, quiz que o sr. commissario visse a sua Revista, o sr. commissario embirrou com as graças do Oliveira e prega com elle no calabouço! Ora é para um revisteiro tão innocente que se comprehende um commissario tão catita.

Sua excellencia, levando a sua alçada até ao segredo dos escriptos particulares e indo ahi procurar as offensas á moral e á religião, tem um trabalhinho, para o futuro, que não lhe digo mais nada.



Offensas á moral e á religião, hein?

Imagine-se o que por ahi não vai em entrevistas pedidas, amôres confessados...

Mas s. ex.ª vae entrar tambem no fim intimo de cada um? Quem tem a delicadeza de abuzar d'um manuscripto que se lhe confia, tem decerto pouco escrupulo em se servir dos crimes do pensamento. Contra um commissario d'este lote um homem nem anda seguro se pensar no seu peccadito venial.

Contra a policia portugueza, meus senhores, pôde peccar-se por pensamentos, por palavras e por obras. Está no seu Olympo tambem a bregeira e não deixou cá por baixo agua lustral, que eu saiba, nem nos resgata perante o seu juizo a compunção ou o arrependimento. Pelo menos ignora-se se assim pôde ser. Achamos da maxima necessidade a publicação, pelo cofre do governo civil, d'um cathecismo para nos regular-mos a contento dos altos designios policiaes.

Se não fosse triste este facto, o prender-se um homem por uma declaração particular, devia suspeitar-se que estavamos na Trindade, assistindo á exhibição de algum commissario de opera comica, disparatando pelas exigencias do libretto.

Isto porém passou-se no governo civil de Lisboa, a capital do paiz alegre por excellencia.

O revisteiro tem apenas uma desforra: é ir para caza, escrever uma nova revista, apear o sr. Marianno do throno, pôr lá o commissario e não a mostrar senão ao publico.

Faça isto, olhe que se vinga, porque o homem dá sorte, e modifique um pouco o titulo, chame-lhe: D. Moraes Commissario — o ultimo!

Hein?

**PUBLICAÇÕES RECEBIDAS**

GEOGRAPHIA MATHEMATICA. — Recebemos e muito agradecemos o 1.º volume do *Curso complementar de Geographia, Chronologia e Historia de Portugal*, do sr. José de Souza.

O livro feito sob um ponto de vista pedagogico, moderno, recommenda-se sobretudo para a educação das creanças e dos individuos leigos no assumpto,

É principalmente á intelligencia que se dirige o methodo com que o livro é feito, o que o affasta do antigo processo jesuitico de decorar, que torna o estudante um repetidôr inconsciente de frases ôccas, de que elle não alcança o sentido e que se esvahem, mais tarde, da memoria, sem deixar mais resultado do que um cansaço intellectual, um aborrecimento do estudo, quando não arrastam a inaptidão ou a atrophia das faculdades.

O sr. José de Souza conta continuar o seu curso com mais dois volumes, um de geographia phisica e politica, outro de geographia economica de Portugal — *História de Portugal e notas sobre a pedagogia philosophica*.

Recommendamos-lhe que os publique, porque presta verdadeiro serviço á pedagogia portugueza.

O deposito d'esta obra é na livraria Ferreira, Rua Aurea, 134.



O maior espaço de tempo exigido para a confecção do nosso jornal a côres, foi a causa de não podermos dal-o no dia costumado.

Os nossos assignantes desculparão a falta, que de certo modo compensamos.

As Mudanças



Segundo o louvavel costume semestral, o costume imposto pelas senhoras da familia, o sr. Ermenegildo Baião resolveu fazer a sua mudança. Mas como de todas, as vezes que se muda se lhe damnificam os moveis, decide fallar ao gallego Bento, da esquina do Calhariz, que lhe dizem ter dedo para estas coisas. Consultado e afretado o Bento a mudança começa.



Baião vai para a nova casa esperar a chegada da mobilia para a ir collocando adrede.
Começam a chegar os moveis.
—Então esta cadeira vem partida?
—Desculpe v. ex.ª, foi com o apertar da corda!



—A estatuetta da Li-li quebrada?
—Não foi nada; cahiu no patamar e desgrudou-se-lhe a cabeça!

Mias na cabeça



—Está só pelo demonio! rompeu-se o fundo da tina. Provavelmente estava muito gasto!
—Gasto e quê? ha dois annos que não serve, burro!



—Desculpe o senhor, mas justamente quebrou-se o sofá verde e partiu-se as molduras das tapestias!!
—Há alguma coisa?
—Não, mas o carrãozinho de dentro do piano, que se desmontou, a parte que se desmontou não se desmontou!!





O Primeiro beijo

O que ella lhe tinha dado!

A' noite, muita vez, depois de ter escutado a sua meiga voz deliciosa que descia como um hymno perfumado do mirante de marmore, que ladeava o portão verde-negro do jardim, ainda cheio dos effluvios dôces do seu olhar, os ouvidos acariciados pelas ultimas notas da sua linguagem de uma doçura, virginal, infinita, Paulo encerrava-se no quarto, abria na secretaria de ebano esculpido, a pequenina gaveta secreta, e punha-se a contemplar, beijando-as muita vez, todas essas pequenas dadas d'amor, pueris, ideaes, que a mãosita d'ella lhe atirava da janella ogival do mirante de marmore, que ladeava, batido do luar, o portão verde-negro do jardim.

Era um museu, delicioso, pequeno, perfumado. Uma boteta encantada d'onde sahiam pequeninos laços de sedas córadas com que ella prendera os cabellos; ramos de violetas que ella trouxera ao peito, cachos de lilazes brancos e azues, desmaiados, rescendendo ainda um dôce perfume; um retrato oval, delicado com uma miniatura, bon bons offerecidos n'um baile, folhas de fetos, esses mil nadas, que lembram uma hora de felicidade, o momento passado lado a lado, no extase commum, secreto, d'um prazer vago, indifinivel.

Mas de todas as recordações, de todas as insignificancias preciosas os que elle mais amava eram um lenço de rendas em que elle entrelaçara com extrema graça, as iniciaes dos dois nomes e uma madeixa longa do seu cabelo que se enrolava como uma serpe d'ouro no fundo transparente d'um pequenino cofre de crystal.

Das iniciaes bordadas pela sua pequenina mão branca, entrelaçadas, fortemente unidas, evolava-se a idéa d'uma união futura, d'um idillio eterno, as mãos nas mãos, os labios sobre os labios, o olhar bebendo o olhar!





A trança que lhe emoldurara a cabeça, era uma parte d'ella, que lhe afogara o pescoço longos annos e sobre que descansara tantas noites a cabecita isenta de cuidados. O travesseiro dourado dos seus sonhos infantis, o confidente dos primeiros pensamentos que elle povoara!

A trança! um feixe luminoso de gramineas d'ouro, gerada na caricia doce do seu cerebro infantil, onde só prepassavam, as ideas castas e puras, como no azul limpido d'um ceu de maio, perpassam cruamente brancas, por sobre a vastidão das lezírias os bandos dolentes das cegonhas.

Como elle amava esses pequenos nadas, cheios do encanto do seu olhar, da sua graça, d'ella, tão simples, tão meiga e que elle amava tanto!



N'aquella tarde, a tarde primeira do anno novo, ella prometera offerer-lhe uma recordação, mais bella do que todas as outras e recusara dizer-lhe qual fosse. Toda a noite tentara adivinhala.

A tarde descia quando a janella ogival do mirante se abriu lançando nas balseiras da frente os reflexos corados dos vidros pontegudos.

Com o coração cheio de alegria Paulo aproximou-se.



— E o teu presente de anno novo?

Ella sorriu, ligeiramente, como quem antegoza a surpresa d'uma dadiwa inesperada e querida, desceu ao portão e estendendo por entre os varões de ferro o pescoço com uma elegancia rara, um pescoço branco onde uma penugem loura

se emaranhava friorenta e revolta, aproximou-lhe dos labios a cabeça radiante, emquanto os labios pronunciavam a offerta dulcissima: beija-me!

Ao pousar-lhe na testa os labios sequiosos d'uma caricia suprema, o feliz amante, sentiu que superior a todas as dadiwas até então recebidas, superior ao lenço perfumado em que a sua mão bordara com a gentileza d'um amuleto o monograma dos seus nomes entrelaçados, mais luminosa do que a maeixa loura que se enroscava como uma serpente d'ouro no pequenino cofre de cristal era a ultima dadiwa, o beijo casto d'amor, na brancura da tez immaculada, rescendendo todos os perfumes das rosas do Levante, e brindendo-lhe na alma o clarão luminoso dos sonhos infinitos.

MENDO.



O ULTIMO DUELLO

Mais um duello esteve imminente entre dois homens de elevada posição.

Eu, cada vez que penso nos duellos em Portugal, sinto uns calafrios horribes, na espinha dorsal!

Mas é que decididamente é preciso fazer parar esta onda de sangue, que nos leva anno a anno, os nossos talentos, os nossos homens prestantes, politicos, jornalistas, pensadores!

As actas dos duellos gemem desastres sem fim! e então em se abrindo o parlamento, a gente não topa senão com gente vestida de preto!

— Quem é aquella familia de luto?

— E' a do deputado Julião, morto em duello.

— E aquella?

— A do par do reino, Serafim, que um duello prostrou no campo da honra.

— E esta a do jornalista Feijão e est'outra a do homem de letras Crispim! e é um nunca acabar de mulheres sem maridos, de irmãs sem irmãos, de filhos sem pai!

Ai!

Os poderes assistem a esta festa de canibaes, a patria, a boa mãe, a este supplicio dos seus filhos, e o mundo a esta apothese do assassinato á portugueza!



Conhece-se que somos os descendentes dos velhos leões guerreiros: uma phrase menos limpida nos faz arrancar a espada, uma leve insinuação, um piscar d'olho por somenos malicioso, nos atira aos azares da lucta, aos braços gelidos da morte!

Crescem os asylos de orphãos e viúvas, augmentam os cemiterios a despeito dos protestos dos medicos e o decrescimo da população pelas mortes em duello e pela corrente, cada vez maior, da emigração ameaça deixar apenas quatro ou cinco lymphaticos sob o torrão deserto da patria, para acabarem, alfim, como os grillos, por se comerem uns aos outros, no ultimo duello, á unha!

Por nosso bem a ultima pendencia d'honra levantada na camara popular, serenou, sem chegar ás sangrentas exhibições das actas.

Foi assim melhor, nem a Republica nem a Monarchia possuem campeões de sobra e francamente é preciso serenar a Europa e poupar os nossos necrologios e as nossas lagrimas.

Desde que Marianno perdeu em Bemfica a cabeça do dedo minimo, em fatal reconto, até hoje o novo anno de graça de oitenta e nove, que rastro de cadaveres!

O' pais da patria, amansae o pôtro fogo da rethorica, sede calmos e prudentes, só assim podereis poupar-nos os tremores pelas vossas lutas e o trabalho de andar sempre a recitar intimamente, apprehensivos:

•Vae alta a lua na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou:
E um deputado com alheio porte
De buxo aberto, no jazigo entrou!

BRIT...



O CONGRESSO AGRICOLA

Mais um, e este começa bem, porque inaugurou os seus trabalhos imitando os *collegas* do parlamento: com berratas e chinfrins.

E senão veja-se o que um jornal escreve ácerca da primeira sessão, aberta sob a loira presidência do sr. Conde de Breitandos.

O sr. presidente dá em seguida a palavra ao sr. dr. Pinto Coelho.

N'este ponto, o sr. Domingos Dias Pereira toma a palavra sobre a constituição da meza.

Vozes:—Não tem a palavra!

O sr. Pereira insiste. Levantam-se protestos ruidosos:—A' ordem! Ordem! não póde fallar.

O sr. Pereira pede que o inscrevam para tomar a palavra depois do sr. Pinto Coelho, e declara que pretende fallar apenas sobre a illegalidade da meza constituida.

Pede a palavra o sr. dr. Jacintho Nunes.

Vozes:—Não tem a palavra! Não póde fallar! Ordem!

Ora, francamente, um congresso que inaugura as suas sessões não consentindo que os congressistas falem .. é tudo quanto se póde imaginar de menos congresso; parece mais um armazem de *rólhas*.

Mas agora reparamos que não deixaram fallar o sr. Dias Pereira, porque este cavalheiro se queria referir á *legalidade da constituição da meza*; e esta, que se suppõe inviolavel e indiscutivel, deixou que tapassem a bocca ao congressista!

E afinal o sr. Dias Pereira, que não tem maus figados, seria o primeiro a notar no mesmo presidente e nas mesmas secretarias. O que elle não queria, e com razão, ao que nos parece, é que o considerassem um carneiro, embora de Pannrge pela simples rasão de que... detesta a raça.

O sr. Jaeyntho Nunes não tem melhor sorte. Apanhou uma *rothada* em cheio, que o deixou azabumbado!

E foi para isto que incommodaram umas dezenas de bons homens, obrigando-os a desemmalar as venerandas casacas e os menos venerandos chapéus altos, e virem por ahí abaixo, a toque de caixa,—simplesmente para dizerem *Amen* aos promotores da coisa!

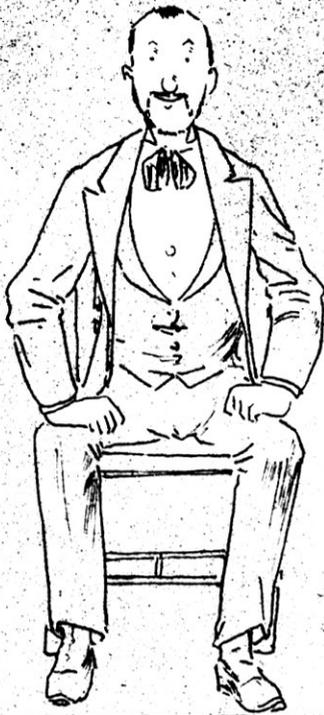
Pura comedia, afinal, fiquem-n'o sabendo os ingenuos laceradores, que não commungam á mesa dos monopolios.

A mulher marcha!



a «Liberté» de Paris que nos dá a boa nova de que duas senhoras receberam o diploma de capitães de navios. Antigamente, quando a poesia portugueza era o esforço doentio d'uma geração de visionarios indolentes, de voluptuosos incomprehendidos, de mandriões, arrojados a um mundo, que ai d'elles e dos prélos! não era sufficiente para os entender—lamaçal onde rastejavam estas lacrimosas pombas brancas—as canções dos barqueiros, os descantes dos marinheiros, as imitações das noites venezianas, enchiam as columnas dos jornaes litterarios como a mais fina geléa dos espiritos. Mas era, em geral, a amante que soluçava quando o amado se ausentava na barca.

O PRIMEIRO DISCURSO



Castro Alfarellos da Cunha, bacharel em direito, senhor dos maiores olivais do seu districto, filho de Alfarellos pai e D. Conymedes, foi mandado ser deputado á falta de outra occupação para seus ocios e por conveniencia politica do governo



Recebidos os cumprimentos dos maiores contribuintes da comarca, uma saudação philarmónica, Alfarellos entra no seu gabinete e medita sobre a carreira aberta ao seu engenho: —Devo começar por um discurso de nome! O discurso é tudo. Precizo entrar de roldão, causar surpresa, espanto.



E vai para dois mezes que Alfarellos rabisca, corta, emmenda, garatuja, borra e rasga, papel e mais papel. Ao terceiro mez, dias antes da abertura das camaras, Alfarellos completa a obra, e como o bom Deus: achou bom!



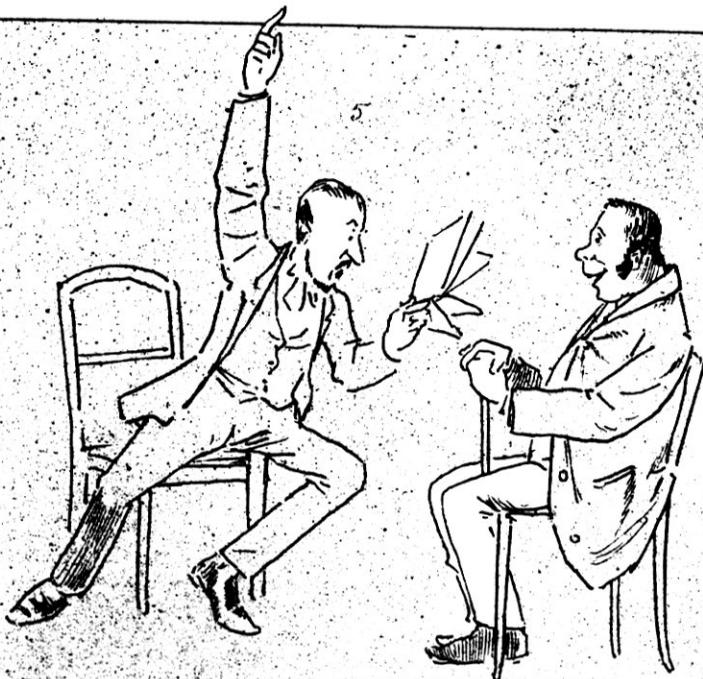
Decorado o discurso o actor começa a sentir a necessidade do applauso e dirige-se á esposa.

—Ouve, filha, vê este começo:

«Arrancado ha pouco ás margens frondosas do rio, entre mil poetico, o Mondego, mal posso, sr. presidente, erguer n'este templo augusto a minha debil voz!»

—Bello Castrinho, muito lindo!

Um chôcho sella o elogio e corôa o orador.
Primeira conquista.



Os creados, ao vel-o passar pelo curral das vaccas, de bello ao vento, gesticulando, entre-olham-se sorrindo e um d'elles exclama:—o patrão anda com a mosca!
 —Aquillo é lá p'ras côrtes.
 E o maioral:—que não vai lá outro com mais boia.
 —Como elle hontem disse logo que doze pães, a pataco era um pinto!
 Outra conquista.

—O maior influente do concelho vem visital-o:
 —Bonifacio, ouça um pouco, do que eu vou dizer áquella gente:
 «A patria! Sabem os senhores o que é patria?
 «E' a terra de nós todos, o berço dos nossos avós, o tumulto dos nossos filhos!
 «Pela patria, a alma; pela patria a vida; pela patria a morte! D. João IV... »
 Interrompe-se n'este ponto, commovido, porque ... Bonifacio chora!
 Nova conquista.



«Sr. presidente arrancado, ha pouco, ás margens frondosas do rio, entre mil...
 —Peço a V. Ex.ª que se restrinja á ordem do dia.
 —Vou restringir-me, sr. presidente. «A patria, sabem os senhores o que é a patria?...—e por ahi adeante... até ao «disse»!



Feliciado pelos amigos de todas as feições, tal foi a força poetica do seu discurso! Um telegramma para a familia, um jantar no Silva.
 A patria tem mais uma gloria, a banalidade mais um levita, as pastas um concorrente a mais.
 Temos mais de cem glorias d'este calibre, e comprehendendo-se bem porque as camaras nos hão de levar á gloria

Pescador da barca bella
Onde vais pescar com ella?...

Hoje, com esta nova orientação dos espiritos femininos, teremos de mudar a letra das barcaroças, porque seremos nós os condemnados a esperar em terra a volta da esposa, que foi a Valparaiso, Arica, Islay e Calau, a commandar o vapor *Disparate* da «Mala Real Ingleza» ou a galera *Divorciada* da «Companhia Transatlantica de Navegação Recreativa!»

Alarga-se o campo do romance. Emfim, é preciso. O drama da vida real entre o fogão e a *chaise longue*, começa a tornar-se monotonico. E' necessario alargar o scenario, e isso a ninguem melhor compete do que á fogosa America, a terra por excellencia das revoltas femininas.



Um monstro, um «Great Eastern», arquejante e lendario como um antiluviano, commandado pela voz doce d'uma mulher, e arquejando o dorso ao aceno da sua pequena e branca mão nervosa! Mas é delicioso, afinal!

No entanto, ó gentil Miss, eu prevejo, um dia, ou uma noite, a scena dramatica.

Na vossa decima quinta viagem, notastes, sem querer, um rapaz. Ao terceiro dia, elle offerece-vos uma rosa que se lhe desbota na lapella da rabona em quadrados, e á noite no tombadilho, por acaso, encontratis-vos e fallais... da viagem, do tempo, do mar!

Oh! do mar! a noite é calma, o ceo estrellado!

No outro dia será facil vel-o no vosso beliche, no chá das camarotes, poderá ouvir uma phrase nova no dictionario do amor, em tremula voz: «capitôa amo-vos!» Desde esse dia, ó pobres passageiros, encomendai-vos á Senhora da Boa Viagem, que é mais facil cahir um bocado de ceu velho, do que chegardes a porto de salvamento!



O amor alojou-se sob a farda azul da capitôa e as viagens d'amor são bem mais perigosas das que as viagens em balão; não tem lastro, nem valvula e obdecem cegamente ao gaz.



No fim da viagem:

—Capitôa estamos á vista dos recifes; navegamos para a costa com uma velocidade de 12 milhas...

A capitôa ao tal rapaz: diz-me que não desembarcarás, que serás meu!

—Não posso, tenho deveres.

—Morrerás commigo! Mais força... a todo o vapôr.

—Capitôa, estamos perdidos! grita o immediato.

Oh! ainda bem!

O navio arqueja n'um baque enorme. Gritos horrorosos confusão, terror... A scena illumina-se a magnesio o navio afunda-se e, á pôpa, de joelhos, ao lado d'um cadaver, a capitôa desce lentamente aos abysmos do oceano, as mãos elevadas ao ceu!

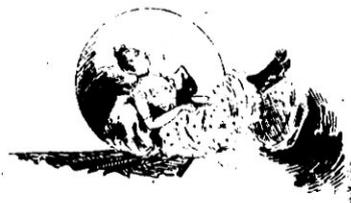
Surdina na costa.

Eh! dramaturgos, afiar as pennas!

Obrigados Miss!



D. Ermelinda Lopes de Vasconcellos, é segundo rezam as tubas da fama, a primeira douctorada em medicina pela Escola do Rio de Janeiro. O Brazil desbanca-nos, porque nós só lá para julho do corrente anno, poderemos fornecer á pathologia nacional um Galeno de chapelinho de palha d'Italia e «tournée».





Compreende-se porém: o Brazil é um paiz novo, cheio de seiva, abraçando as idéas modernas com aquella fome dos corações juvenis a ingerirem todas as theorias radicaes dos pensadores modernos. O Brazil depois de emancipar o escravo, pretende glorificar a mulhêr: — ao primeiro arranca-lhe do pulso as algemas, como se diz no hymno; á segunda mette-lhe uma seringa na mão!

Sua Magestade imperial dignou-se assistir ao acto de formatura da nova medica e os jornaes não dizem, se, como Charcot, elle dirigiu á illustre bacharelada palavras relativas á sua belleza, d'ella.

Isto faz-nos pensar que a douctôra é feia!



Minha rica senhora, se assim é póde V. Ex.^a annunciar «urbi et orbi» que não tractará ninguem. As mulheres não a chamarão e os homens... ó creia V. Ex.^a, á hora da morte, uma mascara á cabeceira deve ser horrivel!

Se, porém, é bonita continúe. Deve ser feliz. E' tão bom reclinar a cabeça quente da febre no colo d'uma mulher bonita!

O' medicas! ó vehiculos dulcissimos das triagas, ó hostias Limousin dos saes amargos, collyrios do amor convalescente, eu vos saúdo!



RAPAZIADAS

A' sahida da aula de latim, conta um collega, os rapazes atiraram para traz das costas o respeito que se deve ao homem que nos dá o pão do espirito sob a fôrma agradável das conjugações e das regras de syntaxe e fizeram uma assuada tremenda a Epiphanio Dias, o velho e já lendario pezadêlo enlunetado dos pais de familia e dos meninos que arranjam curso.



Epiphanio tem o condão de provocar com a amabilidade do tracto e acções de gentleman, estas manifestações sympathicas dos academicos. No Porto, em Coimbra, e em Lisboa póde affiançar-se que se sua ex.^a não tem já as honras de professor martyr, não tem sido por falta de judeus que o preguem na cruz, mas por falta de um Pilatos, no ministerio do reino, que o atire ás turbas, clamando: —lavo as mãos do sangue d'este alfenin!

Foi o caso que Epiphanio chamou «mascara» a um estudante de batine.



Quando um professor desce, n'uma cadeira publica, a abandalhar a gravidade do mestre pela graçola do gaiato impune, não deve estranhar-se se o alumno lhe fizer entrar pelas orbitas as lentes da luneta, em soccorro da sua miopia cerebral.

Pode dizer-se que o alumno andou mal; mas só depois do professor ter abandonado a cadeira de professor, pelo banco onde se sentam os insolentes. A dignidade do homem não começa no estrado do professor; demais o sabemos.



O sr. Epiphanio alcunhando de «mascara» um alumno que tem o direito de se appresentar como se apresenta, collocamos na contingencia de lhe poder-nos chamar garoto, sem ter o direito de o ser, nem em portuguez, nem em latim. O que fez o conselho do lyceu?

Esperattos reverentes!

The Last Rose of Summer

Ditosa, a filha com um sorriso brando
A iluminar-lhe o rosto alvinhento.
No E'rad de cauda, distrahidamente
Toca a «Bamboula», tremula, escutando

O primo, um loiro e esbelto diplomata,
Recentemente *addido* d'Inglaterra,
Que lhe descreve em phrase aristocrata
Toda a poesia que o *Ménage* encerra...

Como vai longe o tempo das Salesias!
E como esquece, a Filha de Maria,
O que diziam perfumadas rezas,
Do mundo sobre a fragil alegria!...

Calou-se o piano. — As loiras irmãsitas
Com a mestra chegam sobraçando os arcos.
Descahe o sol nas ondas infinitas:
Vem da barra a todo o panno os barcos.

A pouco e pouco escurecêra a sala.
As arvores do parque, firmemente,
Destacam sobre o mar e sobre o poente
De rubis, de topasios e d'opala.

À entrada, olhando os noivos, miss O'Brinn
Juncto d'un biombo esfôlha distrahida
Uma orcidalia, e scisma, entristecida,
O longinquo da sua verde Erin!...

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Ao sr. Fialho d'Almeida

Aromatiza finamente a sala
O chá em Sévres cor d'anil e d'oiro.
Five o'clock tea... Um bonifrate embaça
Sobre o Bréguet e seu turbante moiro.

Do parque vem alegres gargalhadas
De creanças, brincando. Os escudeiros
Trazem as largas salvas brasonadas,
Silenciosos, correctos, mesureiros.

Amontoam-se em mesas de charão
Mil *bibelots*. As velhas colgaduras
Caem do alto. Avultam esculpturas
Entre arbustos. A' roda do salão,

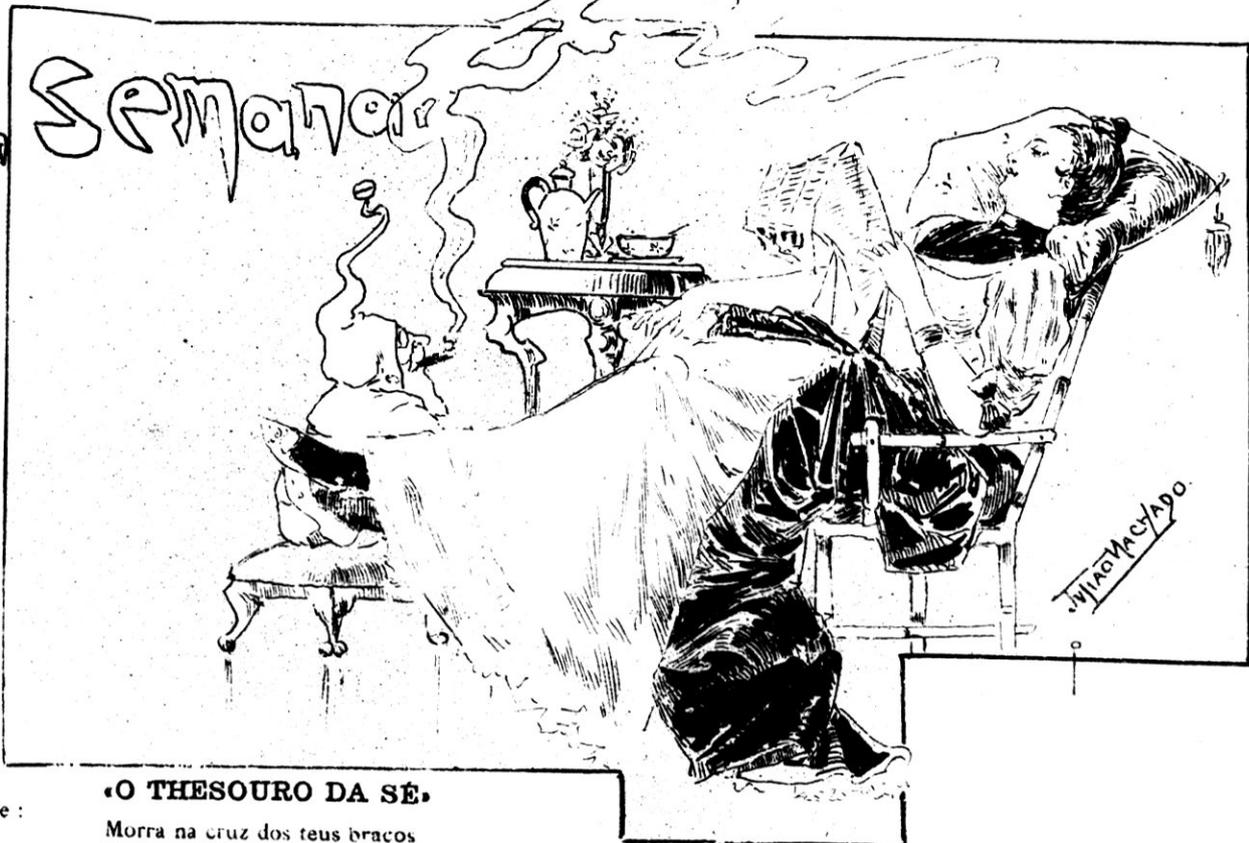
Veem-se avós em trajos de gavotas,
Do tempo nobre... No ar azul, macio,
Passa um vapor seguido de gavotas
Sobre o cobalto liquido do rio.

Fuma o marques, immerso na leitura
Das «*Lettres chimeriques*». O São-Bernardo
Dorme-lhe aos pés, sonhando porventura
N'algun pastor gelado no seu bardo...

Austera e grave, a pallida marquesa
Ouve attenta os negocios da Missão,
Que lhe contam com doce singelesa
Dois lazarias vindos do Japão.

Mimo Machado.

A Semanar



«O TESOIRO DA SÉ.»

Deixa que :

Morra na cruz dos teus braços
Um sacerdote da cruz.

Assim dizia o «Bispo» de Guilherme Braga, á hespanhola com quem cejava, no opulento gabinete damasco e ouro, no meio da preciosa baixella roubada á sachristia. Assim dizia ha poucos tempos o thesoureiro da velha Sé Olyssiponense, á bella Judia que o escravisára, no 3.º andar da rua do Arsenal! E louco, o thesoureiro, como o voluptuoso e audaz bispo do poema, promettia :

as gordas rijas parelhas
das mulas dos «cardeaes»,
e as altas seges vermelhas
que teem cem annos ou mais.

Ora a Judia parece que era menos generosa do que a hespanhola, porque acceitou uma carruagem vermelha e procurou vendel-a.

E, supremo sacrilegio! os castiçaes que tinham allumiado os sagrados retabulões da Sé, illuminaram do mesmo modo as scenas do mais estranho amor:—o d'um padre christão aos pés d'uma descendente dos velhos rabis da Judeia, os crucificadores do seu Deus!

Ora como toda a gente sabe que o olho da Providencia não se fecha, elle cahiu sobre estes affectos sacrilegos e mostrou ao mundo, mais uma vez, onde descem os homens sacrificados bestialmente ás concessões comicas d'uns velhos santificados pela decadencia da vida, ao mistiforio sacro-comico das conclusões dos concilios, acorrentadas ás theorias abstractas d'ums polichinelos da moral, no sacrificio da natureza humana, prodiga de affectos, de paixões, de necessidades, de leis!

Pobre padre e miseravel victima! Elle fez o que tem feiio os guarda-livros roubando as caixas e os creados roubando os amos, os feitores roubando os patrões; todos os que se teem apoderado dos valores que lhes confiam levados por uma força mais poderosa do que a consciencia da indignidade que commettem.



Elle tinha sob a mão os castiçais: roubou os castiçais; tinha os thuribulos, as navetas: roubou os thuribulos, roubou as navetas.

Não sejamos crueis com o padre. Por baixo d'elle, raspando-lhe a sotaina encontra-se o homem.

Parece que o mais natural seria libertar este homem d'esta sotaina que o mascara, corrompe, aniquila, bestifica, obrigando-o a estar fóra da natureza, fóra da humanidade.

Como homem merece a censura, como padre não merece a clemencia; basta-lhe o sacrificio de o ser.

O facto é banal: o roubo por amor. E' de todos os dias, é de todas as horas.

Não exploremos a posição do homem. Sejam justos.

Colloquem a qualquer homem, d'um lado, a mulher amada com toda a seducção do seu individualidade, bella ou não bella, intelligente ou estúpida, mas amada; do outro lado a posição, a moral, o nome, todas as considerações, todo o bom senso, todas as consequencias d'uma falta e digam a essa mulher — que mande.

O homem não leva os castiçais? não vende a sege?

Ora, adeus! Por mim conheço que, n'estas circumstancias, eu não me limitava á sege e aos thuribulos, eu vendia até... o patriarcha! Oh!!!

Mettam-n'o no Limoeiro, mas lamentem-n'o, coitado — porque muito amou!

Moralistas, venha a primeira pedra.



No domingo passado, foi S. A. o infante D. Affonso, passear pela estrada de Bemfica, com um dos seus ajudantes, quatro machos, e dois creados. Tudo n'um carro de caça: os machos puchando, o resto nas almofadas do carro. Chegaram lá adeante, vinha do fundo da estrada uma carroça — os machos do infante espantam-se, entram aos saltos, precipitam o carro, cospem o infante e os do seu sequito, e lá vae de rustilhada a traquitana, pelo caminho adeante, té encontrar quem a sustivesse. A certo ponto, um commendador metteu-se-lhe debaixo, pelo proposito glorioso de apanhar um boléo qual quer que tivesse a chancellia dos Braganças, a fim de a vir passear depois para a Avenida. E os jornaes, horas depois descrevendo o caso, davam por inteiro o nome do tal commendador.

Foi o bastante para no dia seguinte correrem ao local, todos quantos commendadores ha disponíveis em Lisboa, á espera de que o infante viesse e os atropelasse. S. A., que apesar de valente é delicado, sabedor da affluencia de victimas ao sitio em que decorrerá a ultima das suas imprudencias, expediu dois espaduados creados pra Bemfica, armados de cacetes, e com ordem de quebrarem nma costella aos cavalheiros que se apresentassem a reclamar semelhante distincção.

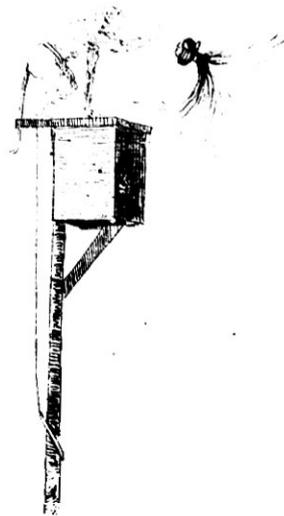


Entre os desancados, registram os jornaes o nome de varios congressistas que antes de deixar Lisboa, andavam á busca d'uma recordação que levar para as familias, e o de não sei quantas senhoras hespanholas, que não tendo podido conquistar o amor do principe, se resignam affim a colleccionar-lhe ao menos as taponas.

Foi-se o congresso agricola, e com elle deixaram a cidade os quatro mil boquiabertos que tinham vindo ameaçar a capital c'os seus rompantes.

E' natural que d'elle não fique mais que o leão aos campos do sr. Pinto Coelho, um caturra, e o grito d'abaixo os jornalistas! d'um doutoreço de Coimbra, tão mysantropo como esmiolado. O «leão» está a empalhar para o museu da camara dos deputados, aonde figurará ao lado do «cavallo branco» e das «tres metades» do sr. Manuel d'Assumpção, do «efectivamente» do sr. D. José de Saldanha, e do «irrevogavel» do joven Biraça Marcellino Arroio.

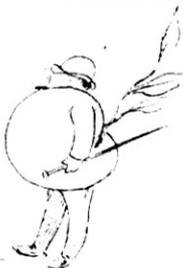
Quanto ao grito do doutor, lamentemos o nosso atrazo em coisas de phylantropia. Nos pagodes de Bassorá, refere o Heine, até havia asylos para o tratamento de macacos idiotas.



— *Abaixo os jornalistas!* — eis um dos rugidos mais temerosos do leão dos campos: e pelo mau halito de que se acompanhou esse rugido, alguns congressistas disseram, tapando as ventas, de resto acostumadas aos sulfuretos ventraes d'outras alimarias — lá se basou o leão!

Oh, que se a sellagam passa! E depois de passar, se vae generalizando a todo e qualquer producto exotico do paiz!... Quantas boccas d'oiro carecerão de ser selladas, porque estaquemos n'ellas a catarata d'asneiras, prestes sempre a despejar, sobre os assumptos que passam, as suas salsugens d'inepcia ou petulancia! As primeiras boccas a sellar, seriam as dos deputados da opposição, que ainda hontem pelas de dois dos seus mais garbosos caudilhos, disse coisas de fazer arripiar santo Bom Senso. A proposito de sello, Chagas arrojou-se a fundo sobre o sr. Marianno de Carvalho, ao qual chamou tudo o que se pode chamar a um homem, com acrescento daquillo que, sem quebra de melindre, se póde chamar a um desavergonhado. Era de ver o gesto calmo e o sorriso de dogue refilão, com que o ministro da fazenda o esteve ouvindo—e o silencio da maioria, que exangue e quèda, parecia admirar apenas no orador, o comediante.

Que este Pinheiro recita monologos na perfeição, e chega a ser crime deixal-o encanecer no theatro do Rato de S Bento. Que faz o governo, que não escriptura o fogaço galan em D. Maria? Que largo gesto, que dicção tractada, e que cabelo! Lembra-me o Tasso... no hospital dos doidos.



Ao fim do repto, como nem o ministro nem os da sua tropa redarguiam, ergueu-se Arouca, e desanda a perguntar se não havia alli alguém que defendesse aquelle Lazaro. Lazaro depois de chagado, não precisa que o defendam, mas que lhe lambam as feridas. P'ra lamber feridas, não ha como a lingua d'um cão. Ora n'este ponto, o sr. ministro da fazenda está de grande, porque segundo se diz, não tem poucos.

Continua na maioria a debater-se a questão dos *leaders*. Ha tres ao *guichet*, por esta semana. A saber. O sr. Eduardo José Coelho, geometricamente um ponto, notoriamente uma virgula—que é como se sabe o *bacillus* do cholera;—o sr. Elvino de Brito, superficie considerada com uma só dimensão, o comprimento, tanto nos discursos, como na estatura; e parece que o sr. José d'Alpoim, cuja dimensão predominante é a largura. Chromaticamente, poderíamos definil-os d'este modo—um verde, um pardo e um cor de roza. Com estas tres côres fez a modista Laferrrière o *toilette* de Sarah Bernhardt para o primeiro acto da *Tosca*: mas desconfio de que com ellas o partido progressista faça alguma coisa, mesmo um dominó para os bailes de mascaradas da Ajuda.

E a proposito d'Ajuda, lá teve o sr. Mattoso mais uma—de custo. E é já a decima segunda n'este mez!

Para fechar. Ha por ahí agora uma revoada nova de philosophos. Para exprimir qualquer coisa, estes pancracios ajaezam-se de termos comtianos, e tão arrevesados conceitos, que não póde qualquer d'elles metter fios na fistula cocxica, sem vir á balda o *eu* e o *não eu*. Ha quatro dias foi a casa do medico um d'esses grandes homens ignorados, e para explicar do que soffria, começou d'esta arte o seu discurso:

—Eu cá, senhor doutor, sinto alguma coisa de vago e d'incoercível, como se o meu *eu* rezidisse fóra de mim...

E o clinico, attencioso, e com a sua *raillerie* benevola de mestre:

—E v. ex.ª, deféca todos os dias?

Irkan.



ROGERIO LAROQUE

Deixem me enxugar a ultima lagrima!

Ha seis noites que vi o Rogerio e ainda me parece estar a vel-o! A vel-o e a ouvil-o!

E' a maior, a mais crúa lição que se pode infligir á policia e á justiça. Em toda a parte parece que os Moraes Sarmentos são da mesma força!

Mas o que não ha em toda a parte são dramaturgos crueis que atirem com as individualidades graves dos commissarios ao riso das plateias!

E ainda bem!

O Rogerio é um drama de carreira. No domingo ultimo o pranto corria no corredor das cadeiras depois de invadir a orchestra e obrigar os musicos a levarem, nas noites seguintes, galochas de borracha.

Uma respeitavel senhora que se sentava na cadeira em frente da minha, dizia para o marido que a olhava fazendo beicinho?—Anacleto, chora menino, olha que o suster faz mal! E choraram ambos, longo tempo; lá fóra, no largo, nos intervallos, viam-se os espectadores torcendo os lenços. Ao lado d'estas scenas tristes houve, naturalmente, a parte comica.

—V. ex.ª lembra-se, dizia um espectador para ontro, no 1.º intervallo, de quando, uma vez entrámos em D. Maria para ouvir o Rogerio La Roque?

—Se me lembra; ha que tempo isso foi! Inda eu apartava o cabelo. O interpellado era careca! E' um drama para familias pobres; pagam uma noite de recita e vêem tres peças muito razoaveis. Não é porque as peripecias, o enredo, a acção e as mortes não dessem bem para cinco dramas de folego, mas é que n'isso o auctor foi ainda discrepto para evitar que o alcunhassem de plagiario da arte dramatica chinesa.

Se o drama tem mais um acto tinha forçosamente de ser visto no dia seguinte, ou poderia dar-se o caso poetico de, á sahida dos espectadores, entrar a aurora, cheia de aljofar.

Que bonito! e como me sahio bem esta imagem!

A peça é pois extraordinaria pelo tamanho.

E' a legoa da Povia dos dramas conhecidos, dizia-me um critico de muito juizo: mas abençoado tamanho que a faz ser a maior peça do repertorio de D. Maria II. Se lhe mettem uns côros e um bailado, meus ricos senhores, tinhamos para o resto da nossa vida.

Tem interesse a peça. Scenas vivas, de effeito. Mas parece-nos que o maior interesse, quando aconteceram aquellas coisas, foi para os cangalheiros de Paris.

↘ A' maneira que vão morrendo os actores a gente chega a

Sellagem

o selo da Misericórdia



Julio 11/1930

o selo do amor
miserico



(NÃO HA PERIGO
É COM A SOGRA)



CELAGEM
ACCIDENTAL

Selo da harmonia
domestica

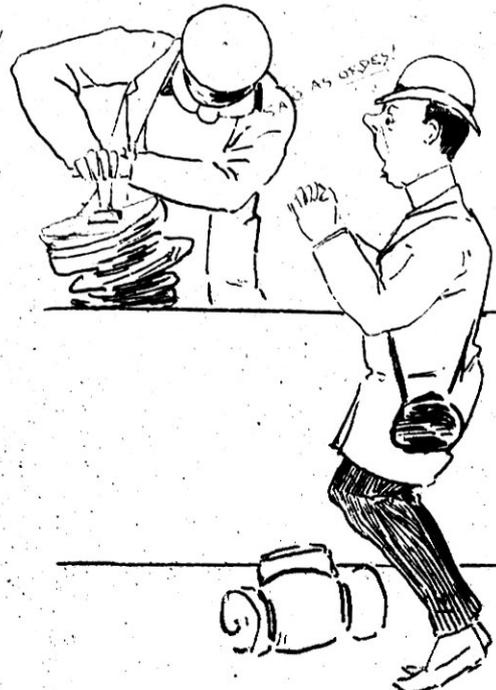


DA MISERIA

09/10



A CAMINHO DO SENHO



AS UNDES?

2

etc

pensar : escapará o ponto ? não escapará ? E esta duvida punge-nos. O ponto porém salva-se e por felicidade inda muitos vivem para poderem acabar a peça, casarem e provavelmente terem muitos filhos. Nem tudo são lagrimas. A virtude triumphá, sem fogos de bengala, é verdade, mas visível,

abrindo as azas brancas na scena aliás formosa do ultimo acto, e pousando o seu pé de neve, sobre a barriga, de Augusto Rosa, que proemina altivamente para o tecto.

Novas lagrimas... de alegria !

E n'este enchugar d'olhos permanente, mal se pode admirar uma actriz de seis annos, que tem, ó caso maravilhoso ! a comprehensão de todas as subtilezas da moral humana e em cujo cerebro as paixões, os odios e os ciúmes, com todas as suas consequencias, vibram fartamente, á larga, produzindo os phenomenos vulgares que é de razão darem-se nos organismos adultos.

Como a humanidade é precoce e como os dramaturgos funebres, arrastados na torrente do inverosimil são capazes de ir explorar o disparate até ao cerebro virgem das creanças !

Aquí não choravam os espectadores, mas chorava a verdade, a phisiologia, a natureza !

Não custa a acreditar que haja um autor que ponha n'um craneo de creança um cerebro de 20 annos ; o que parece impossivel é que haja uma creança que possa conseguir arremedar, tão de perto, uma mulher que soffre d'uma doença moral.

Emfim, vê-se e admira-se.

O desempenho é, em geral bom. Deve-se especialisar João Rosa no tribunal, e Brazão no quadro em que vem buscar a filha e ainda no ultimo.

Bom vento.

HYPNOTISMO

Referem os jornaes, com raro pasmo, que um medico de Lisboa, chamado para tratar uma senhora, que n'um ataque histerico, não fallava, nem podia comêr nem beber, a hypnotizou « dando lhe immediatamente a falla e a facilidade de comer e beber ! »

Fica a gente a pensar o que ha aqui de extraordinario : se o medico, praticando, no seu dever, um acto simples da profissão ; se o hypnotismo por se ter dignado continuar a ser um processo therapeutico !

Se o distincto medico chegasse a casa d'esta senhora e « do manto negro sacudindo a chuva » lhe dissesse, estendendo o braço sobre o seu leito, em gesto de Nazareno percorrendo as ruas de Jerusalem : — mulher falla ! — e ella fallasse, bem. Comprehendia-se o pasmo ! Mas não, o doctor ; foi simples homem de sciencia, empregou o hypnotismo como podia recorrer a outro qualquer agente ; onde está aqui o maravilhoso ?

Mas então o que pensam os senhores ácerca dos serviços dos medicos ? Para que imaginam que servem estes sujeitos ? Temos então muitos mais factos a registrar e que eu peço venia para lançar nos annaes da historia.

Ha um medico em Lisboa, que chamado para tratar uma senhora, de febres intermitentes, conseguiu cural-a em dois dias, fornecendo-lhe — vejam que miseria — uma simples gramma de sulfato de quinino !

Um outro despertou o appetite d'uma menina com uns granulitos de quassina.

E ainda um outro que deu a falla a um menino, cortando-lhe o freio !

E' preciso não esquecer estes medicos extraordinarios, que se empregam — a tratar doentes !

Se é, porém, ao hypnotismo que se dirige o louvôr respeitoso, a admiração, eu peço aos jornalistas espantadiços o favor de dirigirem tambem as suas odes, ao quinino, á quassina e ainda aos canivetes do sr. Polycarpo.



E' um verdadeiro encanto o entrar no estabelecimento da florista franceza, um delicioso jardim das mais bellas flores, que se ostenta, aromatisado e fresco, no Chiado, no n.º 146.

Tudo quanto a phantasia mais caprichosa pode exigir em bouquets, corbeilles, piquets de table, gerbes fleuris, boutonnières, etc. tudo ali se obtem, com as mais raras e mais viçosas flores das diversas estações. Experimentem, amaveis leitoras, experimentem e lo,õ hão de ver que não exageramos.

INFANTE D. AFFONSO

Dando conta do desastre succedido no ultimo domingo a sua alteza o infante D. Affonso, de que felizmente não resultou para sua alteza achaque de cuidado, o *Popular* termina a sua noticia :

« Estimamos de todo o coração que o desastre succedido a sua alteza não tivesse mais graves consequencias, como se podia esperar do modo como succedeu. »

Como se vê, o coração do *Diario Popular* tem ainda, pelos principes, aquelles repiques de entranhado affecto dos tempos em que eram « criancinhas louras. »

Onde se anicham os grandes amôres !



PELOS PALCOS

Até que finalmente o elegante theatrinho da rua dos Condes entrou n'um periodo de prosperidades. Deve esse milagre á graciosa peça de Souza Bastos — *O casamento da Nitouche* — que é um verdadeiro desopilante para tristezas e melancolias, com um desempenho bom por parte da actriz Pepa e de Alfredo de Carvalho, e rasoavel por parte dos restantes artistas.

O Gymnasio não tem um momento de descanço. Com um sortimento enorme de comedias, varia constantemente d'espectaculo, conservando assim os frequentadores em permanente novidade. Até já ali se representa uma comedia original, — *avis rara* n'aquelle theatro.

Referimo-nos ás — *11 e meia* — de Acacio Antunes, uma comedia bem urdida, com pilhas de graça e bem representada.



O Colyseu tambem segue em maré de enchentes, devido ao variado *recheio* de uns espectaculos. A nova exhibição dos *Liliputianos* tem dado no gôto a muita gente, e d'ahi uma concorrência seguida.

Um verdadeiro successo.



AO CORREIO

Já n'um dos ultimos numeros nos referimos e pedimos providencias á administração dos correios, pelas irregularidades continuas de distribuição, de que os nossos assignantes se queixam e de que nós somos as maiores victimas.

Francamente não sabemos como pedir, para dar remedio a este estado de coisas, para podermos livrar-nos de censuras que não merecemos e de roubos que não podemos evitar.

As queixas são perfeitamente inuteis; todavia não deixaremos de clamar pelos nossos direitos, mesmo para nos justificar-mos perante os nossos assignantes, deante d'alguns dos quaes teem sido feitas as remessas, convenientemente cintadas e selladas e sem nunca mais as receberam.

Fica mais esta queixa para juntar ao côro das que todos os dias se levantam, inda que, provavelmente, terá o effeito das anteriores.

Oxalá que assim como a nós, os lezados, nos compete o queixar-mo-n'os, a alguém competisse o dever de providenciar.

Parece-nos que não.

Isto é o paiz do sello obrigado, mas dos deveres facultativos. Quando o estado rouba chama-se desleixo... e contra os desleixos não ha codigo penal!

Até sempre.

ESTATUA

Foi comprada pelo governo a magnifica estatua de Thomaz Costa — *Le danseur an tambourin*—.

Um acto louvavel, que applaudimos sinceramente. N'um paiz em que a politica pôdre absorve milhares de contos, é para louvar que se dispendam algumas libras em soccoro da arte nacional, sobre tudo quando esse soccoro se reflecte sobre a acção d'uma poderosa individualidade artistica como a de Thomaz Costa.

Felicitamos o governo pela justiça da compra e Thomaz Costa pelo lisonjeiro resultado do seu valioso trabalho.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Cronicas de viagem. — Collecção de apontamentos ligeiros, rapidamente coordenados, de Alberto Pimentel.

Lê-se sem difficuldade o livro, por despretencioso e singelo. Coudana-se com a singeleza do assumpto o desprendimento da fórma e se pode desagradar, aqui ou alli, aos finos «gourmets» das letras, recomenda-o a naturalidade e a despreoccupação com que é feito.



Um caso. — *Monologo de Gil Vespa*. — Umas vinte quadragraciosas e simples, sobre o caso d'um casamento como ha tantos. Agradecemos ao auctor a delicada offerta, e recomendamos-o aos recitadores de monologos. Tem graça e pode ouvir-se; duas qualidades raras.



Recebemos o primeiro fasciculo da publicação que o dr. Frederico Laranjo encetou, em Coimbra, das lições que professa este anno, na cadeira que rege na faculdade de direito, com a designação de *Principios e Instituições de direito administrativo*.

Ha a louvar a corajosa e louvavel hombridade com que o distincto professor ataca a *sebenta* e preconisa a ideia dos professores publicarem as suas lições. E' por isso que não podemos deixar de felicitar o distincto professor.



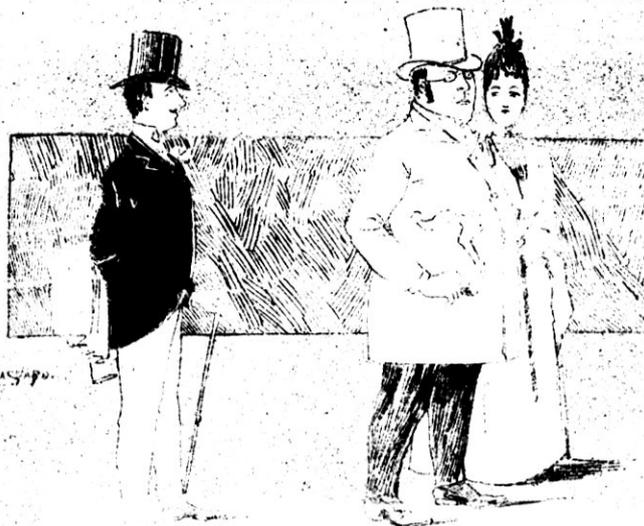
A *Ilustração*. — O n.º 25 d'esta excellente revista artistica e litteraria, que acabamos de receber, vem palpitante de actualidade e cheio de interesse. As gravuras são todas magnificas, e variadissima a parte litteraria.

A *Ilustração* consta de 16 paginas e innumeradas gravuras excellentemente impressas em optimo papel, e custa avulso 100 réis.

Vende-se e assigna-se no escriptorio da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 40 a 52.



A CABRA, O CARNEIRO E O CEVADO



[Fabula de la Fontaine]

Uma vez
Uma cabra, um carneiro e um cevado
Iam n'uma carroça todos tres
Caminho do mercado :
Não iam passear, é manifesto ;
Alguem que fosse no rasto
Dava com elles talvez
N'alguma casa de pasto...
Mas enfim vamos ao resto.

Ia o cevado n'uma gritaria,
Que a cabra e o carneiro,
Não podendo na sua boa fé
Adivinhar a causa do berreiro,
Diziam lá comsigo :
«Que mania !
Cá este nosso amigo e companheiro
Por força gosta mais de andar a pé.»

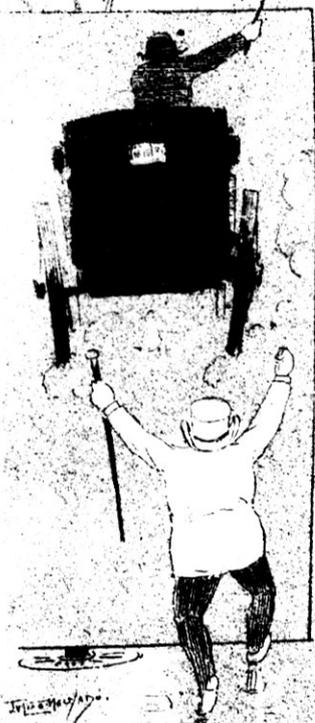
O caso é,
Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,
Que o carroceiro
Perde a cabeça,
Vae como um louco,
Saca um fuziro
E dis-lhe : «Hom'essa !...
Essa agora !

Pois o senhor não vê que esta nem chora ?
Que nem sequer as lagrimas lhe saltam,
Como é tão natural n'uma senhora ?
Gueias não lhe faltam, e de ferro...
O ponto é que ella as abra ;
Mas é cabra...
Teve outra criação :
Não dá um berro
Sem alguma razão !
E cuida que este cavalheiro é mudo ?
(Aqui o cavalheiro
Era o carneiro) ;
E' serio, tem proposito, é sisudo !
A's vezes berra, que estremece tudo ;
Mas só quando é preciso :
Tem juizo !
Miolo !

—Miolo ! ? exclama o outro; pobre tolo !
Elle suppõe que o levam á tosquia,
E por isso nem pia !
Esta, pensa tambem que vae de carro,
Ao tarro,
Vasar a teta...
Pobre pateta !
Deixal-os, lá se avenham ;
Mas porcos não se ordenham,
Cevados não se ordenham nem tosquam ;
De mais sei eu o fim com que se criam
De mais sei eu !...
Por isso brado ao ceo !
Por isso choro a minha triste sorte !
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo da minh'alma, até á morte .
Aqui d'el-rei—

Falava como um sabio ! Muita gente
Não discorre com tanta discreção !
Infelizmente,
Quando o mal
E' fatal,
A lamuria que vale ? !
Que vale a prevenção ?
Antes ser parvo, do que ser prudente ;
Porque o parvo, esse, ao menos, menos sente :
Não vê um palmo adiante do nariz ;
Vê o presente,
E está contente :
E' mais feliz !

JOÃO DE DEUS



Julietta Dionesi

E' uma creança e já uma celebridade artistica ! Damos-lhe por isso um lugar distincto na nossa galeria destinada ás cousas e ás pessoas notaveis.

Julietta Dionesi nasceu em Liorne (Italia) em 1878. Conta apenas 11 annos de idade. Aos 10 annos é que começou a dar concertos publicos e desde logo se revelou uma verdadeira artista.

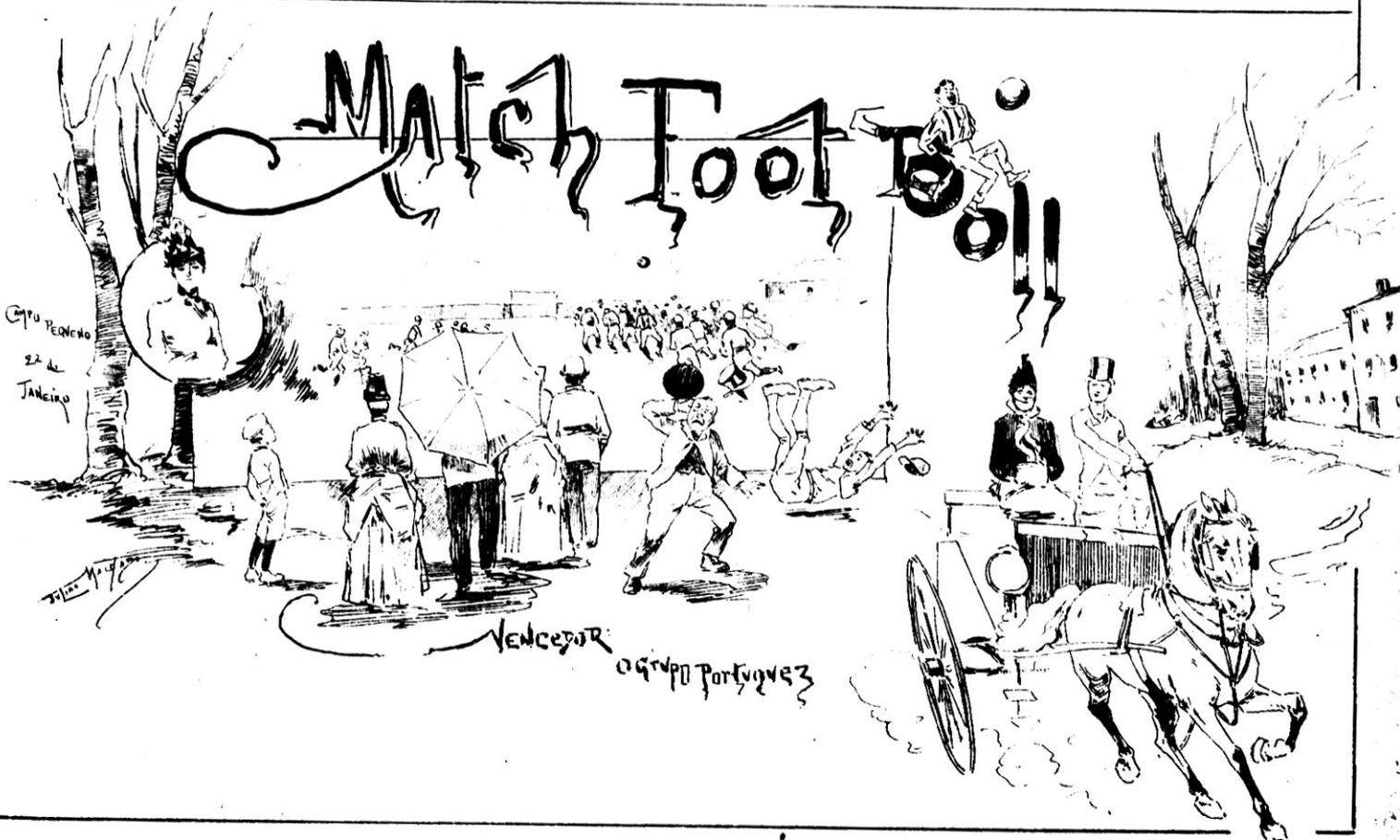
Na sua *tournee* pelas principaes cidades da Europa tem sido alvo das mais entusiasticas ovações, filhas do natural assombro que a todos causa aquella precocidade no talento.

A imprensa dos paizes que ella percorreu,—reservada ao principio, tal era a sua duvida diante da pouca idade da concertista,—foi depois unanime em calorosos elogios. Os jornaes illustrados disputavam entre si a honra de lhe publicarem o retrato acompanhado de encomiasticas biographias.

Tambem nós consideramos uma honra dando-lhe um lugar nas paginas do nosso modesto semanario, e só lamentamos que elle não possa conter os traços biographicos da gentil criança, que já são notabilissimos.

Quando a ouvimos, ha poucos dias, no theatro da Trindade, ficámos realmente maravilhados. Chega a ser inacreditavel como n'uma idade de 11 annos, apenas, se pôde chegar a um tal grau de perfeição artistica ! Porque ali não se encontra só uma execução primorosa, um trabalho mechanicamente correctissimo: ha tambem um sentimento extraordinario. ha uma interpretação *hors-ligne*. Advinha-se uma grande alma d'artista dentro d'aquelle debil organismo infantil. E é isso o que mais nos assombra, o que verdadeiramente nos arrebatava.

Saudamos portanto, e com o maior enthusiasmo, a adoravel criança que acaba de honrar Lisboa com a sua visita, e deixamos consignados aqui os nossos votos mais sinceros para que ella prosiga, sempre em crescente progresso e em meiodos mais completos triumphos, a sua brilhante carreira artistica, que já hoje lhe constitue uma gloria immarcessivel.





A protestar contra a sellagem baixou do Porto á capital, uma delegação de commerciantes, que fallou ao governo em lingua de guerra, fiada como está no que ella chama as tradições d'independencia de *heroico baluarte*. Emquanto a commissão vinha a Lisboa, o commercio do Porto telegraphou que fechava as suas portas, com promessa de as não abrir emquanto o sr. ministro da fazenda não renegasse os seus intentos, e ordem ao rei para no prazo de vinte e quatro horas decidir o ministerio a pôr uma pedra em cima da sellagem, ou no caso contrario, a demittir-se. Em reuniões preparatorias da associação commercial do Porto, tripeiros varios tinham aventado propostas extravagantes, antes que os emissarios d'ella se puzessem a caminho, a apresentar o seu *ultimatum* ao ministerio. Entre outras coisas um commerciante lembrou se trouxesse a Lisboa o coração de D. Pedro IV, n'um frasco d'alcool, para estarrecer com elle a resistencia S. M. el-rei D. Luiz.

Esta ideia de defender o contrabando d'uma cidade, com o coração do maior contrabandista que tem tido a realza, é na verdade extraordinaria, e de sobejo testemunha a sagacidade e a bravura dos nobres tripeiros, sempre que se tracta de defender os interesses da tripa.

Por Lisboa chegou a pensar-se que a attitude do Porto fosse seria—que além das lojas fechadas, corria a ameaça dos *grrandes* fabricantes fecharem os armazens, despedindo os operarios (vinte mil operarios! vinte mil!) que sem pão, viriam para a rua proclamar a anarchia, espargir o terror e o assassinato, espetando nos chuços, a oada esquina, a cabeça dos adeptos do sr. Marianno de Carvalho.



Imagine-se portanto a commoção da capital, á chegada das tres duzias de ferocissimos emissarios. De todas as estações da linha norte, á medida que o trem passava, approximando-se com elles, de Lisboa, os telegrammas ferviam em catadupa—lá vão os barbaros do norte! lá vão elles! com o Atila Guimarães á frente, de chapéu de coco e penacho ao vento. Ha um de barbas que não falla, e é terrivel! Leva uma garrafa d'agua de Loeches, com que pretende assassinar o ministro da fazenda. E outro magrinho, de péra, diz que ha de fazer uma brecha na pinha do monarcha, dado que este recuse adherir ao movimento anti-sellista.

Chegados os rebeldes a Santa Apollonia, vae uma commissão de lojistas rebellos. Grandes abraços, effusões, amabilidades... Afinal de contas os revoltosos parecem todos umas creaturas excellentes, com mais saude e mais pello do que os seus collegas alfacinhas, e um tal ou qual abuso de gestos mavorticos, muito embora por arma predilecta tragam quasi todos guarda-chuva.

—Então vocês fecharam a porta?

—Fechámos. Mas como lá as lojas tem duas portas, cerrando uma, a corrente de freguezes está claro que engrossa pela outra.

—Querem vocês um conselho? A terem de fechar alguma coisa, fechem antes a bocca. Vocês não querem sellos. E' que o heroico baluarte está cheio de brechas—e por ellas, quando não entra o contrabando, sae basofia.

—Homem! não brinque c'o fogo. Olhe que isto é a revolução do vinho e do contrabando. Nenhum governo resiste á represalia d'uma *cuchilla* açulada por um copo.



Pela tenacidade das suas intrigas e pela abundancia do seu oiro, tão victorioso se sahe o inglez em Zanzibar, como na rua das Flôres. Ora o inglez é que faz toda esta zaragata, lá no Douro. Olhe que é serio.

—Que revolução! Que revolução! E onde é o fóco?

—O fóco é na Aguardente.

—Sempre as bedidas brancas!

—Fechados todos os armazens de vinho...

—Ora! as bebedeiras augmentam.

—E os Clerigos não pagam.

—É que lhes chegou tambem o S. Martinho. Mas que diz o bispo a isso

—Ordenou preces publicas, afim d'esconjurar a calamidade.

—Até preces publicas, caramba! Mas, senhor insurgente, como é que havendo, no dizer dos telegrammas, ajuntamentos na Praça Nova, estão todas as bandeiras a meio pau?





Pedro Pinto de Campos.

Falleceu na quinta feira 18 do corrente mez, o distincto actor, cujo nome serve de epigraphe a este artigo.

Teve na scena portugueza um dos mais distinctos logares. Se não alcançou um grande nome, se não tem a aureola dos felizes, a homenagem incondicional das multidoes, ninguem lhe poderá disputar o direito de homenagem que cabe a todos os que desempenharam com valor, o seu papel no seu officio ou na sua arte.

Foi um actor de grande merecimento. Actor sem artificios, sem «ficelles» com um fundo de naturalidade que o distanciou dos tempos do seu começo artistico, d'alguns collegas que tem ainda hoje e não perderão jámais, o cunho tragico da de clamação, o gesto exagerado e incorrecto, a posição romantica e delambida, a entoação cava e melodramatica.

Pinto de Campos debutou em 1854 na comedia «A Rami-lheteira» na rua dos Condes.

Fez depois o galan dos «Aspirantes de marinha» e começou a ter nome no «Guilherme Colmann» nos «Tres inimigos da alma», no «Aboletado», no «Feio de corpo e bonito d'alma».

Depois de representar nos «Dois renegados» de Mendes Leal, estreiou-se em D. Maria, na «Culpa e Castigo» com o grande Tasso, conservando-se ao lado do grande actor.

Lembram ainda a todos os seus ultimos papeis no theatro de D. Maria II. Ahi representou brilhantemente, no «Afilhado de Pompignac», «Longe da vista», «Calumnia» e grangeou fóros de actor de primeira ordem no «Marquez de la Seiglière» e no «Gaiato de Lisboa». O ultimo papel que distinctamente lhe vimos fazer foi de João Rebello, pae, na «Perola» no Principe Real.



Tem ainda mais duas notas características na sua vida o estimado actor.

Era um amator consciencioso do toureio, sobre que escreveu artigos e folhetos, e elle proprio toureiou.

Era finalmente, para amigos e indifferentes alguma coisa, que não menos do que os dotes expostos, lhe colla ao nome o respeito saudoso dos homens:— era um homem d'honra.

Com todos estes predicados Pinto de Campos, merece que se assignale a sua passagem na «Comedia Portugueza» n'este palco onde tantos que o não valem, exploram o favor de graças que elle nuuca alcançou.



Em Santa Apolonia um dos membros da commissão portuense, chamado Alfredo Guimarães, despediu-se d'esta sorte dos amigos que ficavam na gare.

«Tenho pena, meus senhores, de não ter os braços mais compridos para os abraçar a cada um de v. ex.» por sua vez e esganar o Marianno».

Esta imagem dos braços gigantes vem das pantomimas do velho Circo do Price nos tempos alegres do Withoyne, do Secki e do Alfani.

Não é pois nova nem prima pela novidade do emprego a rajada revolucionaria do commissionado portuense.

O Peixinho é que costuma usar d'ella, nos dias de beneficio, de braços abertos perante o camarote da auctoridade, fitando a sombra com o olhar de quem agarrou 800.000 réis n'aquella tarde.

Sentido e commovedor!

Mas nunca rematou por desejar esganar ninguem com os proprios braços agradecidos!

Era preciso que viesse um homem do Porto, cheio de grandes indignações, para aproveitar a imagem do toureiro e atirar-se depois ao sr. Marianno com mais furia do que Peixinho aos bichos!

A rethorica parlamentar ou jornalistica jámais alcançou tão subido anhelos e comprehende-se que é preciso ter um coração de tempera toledana para fazer bichinha-gata na cara d'um amigo saudoso e com os mesmos dedos, as mesmas unhas, ao mesmo tempo sellar para o correio eterno o pescoco de um inimigo politico.

Só quem come á farta intestinos alheios pode jactar-se de possuir entranhas d'este quilate!

Figas!



NA CAMARA DOS DEPUTADOS



— O sr. é jornalista? —
 — NÃO SENHOR, MAS TENHO UM PREGUEZ QUE É PRIMO DE JOSÉ!

MAR.

Um discurso de homenagem



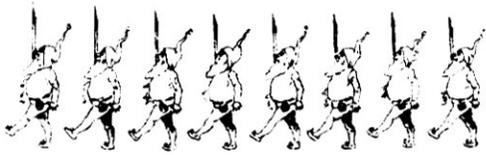
5

6



Brandr.)

JULIANO MACEDO. cop.



Artes e letras.

A litteratura é esta semana representada por um livro adoravel — Mil e uma historias — de Julio Cezar Machado.

A graça simples, original, despretençiosa e portugueza, a naturalidade, o gosto fino no apurado da fraze, no conceito do termo, o bom humôr de quem está costumado, longos annos, a rir dos homens e das coisas, mas a rir fazendo rir, critica de quem faz côcegs ao mesmo tempo que belisca ao de leve, e depois um vago ar de superioridade de independencia de processos e maneiras, e um ligeiro travo agradavel de clacissismo, tudo isto e ainda qualidades finas de observadôr delicado, recommenda o livro do illustre escriptor, do primeiro folhetinista portuguez.

Ao lê-lo sente-se a gente bem, como n'uma cavaqueira alegre de amigos em serão intimo; ouvem-se anedoctas, casos, ditos e vae-se tomando café. Accende-se o charuto. E quando se apertam as mãos e se levantam as gollas dos casacos ha uma saudade na despedida, que vem do bocado bem passado, na alegria da alma socegada, no isolamento temporario da velhacaria adstricta ao vulgar convivio do mundo.

E tem-se penna d'outra noite assim e recordam-se ainda, longo tempo, os ditos felizes, o confortavel, o delicioso d'aquelle serão.

Deseja-se intimamente que se repita. Tal é voto que se sente ao acabar de ler o livro delicioso de Julio Machado. Um amigo com que se passaram umas horas que deixam um rastro de consolo, de suave alegria, d'alguma coisa que lembra o prazer que se sente ao conversar um camarada que nos encontra longe da patria, e nos conta d'ella umas coisas simples e boas; mas portuguezas, com o cunho da nossa maneira de ser, tão original e tão desconhecida.

E dá-se lhe um abraço e pede-se-lhe que appareça muitas vezes.

E' este abraço que enviamos ao auctor, é este o pedido que lhe faz, sinceramente, *A Comedia Portugueza*.



Quem possui como Julio Cezar Machado, o raro condão da graça, a delicada e sempre correctea penna de homem de letras de primeira plana, tem obrigação de nos mostrar, mais vezes, que a nossa litteratura não é apenas uma filha anemica e dessoradã da mamã franceza e que para se escrever deliciosamente não é preciso remedar, a desfilada, escoltas e modelos estrangeiros, mas basta ter olhos que vejam e uma coiza, — que toda a gente hoje tem e raros mostram — um pouquinho de talento.

O livro é pois absolutamente recomendavel e todos os elogios que lhe pudessemos fazer estão longe do seu merito real. Leia-se e veja se.



A litteratura scientifica offerece-nos para estudo o livro de Antonio d'Azevedo Castello Branco, — Estudos Penitenciaros e Criminaes.

E' um livro de especialidade, sobre que tem sido tecidos os maiores elogios, que inda não pudémos ler, mas em cujo valôr crêmos sem receio, attento o alto valôr scientifico do seu auctôr.

Reservamo-nos para dar a nossa opinião depois da devida leitura, agradecendo, no entanto ao distincto medico a honra da sua offerta.

Recebemos ainda o n.º 19 da bella Revista Illustrada de Gonçalves de Freitas; os tres primeiros numeros do — Livre pensamento; — os primeiros fasciculos da — Formosa Conspiradora — de Pierre Zaccane, edição da caza Corazzi e o 1.º numero da — Bibliotheca de Sciencia Pratica, publicação semanal redigida por Souza e Costa.





O coração de D. Pedro.

Um orador no comício do Porto, remata o seu discurso com esta bomba.

«Ou El-Rei e o seu governo, nos fazem immediatamente o que queremos, ou nós pegamos no coração do avô e mandamos-lh'o!»

Esta idéa que parece á primeiro vista um cumulo de ingenuidade, ou o epigramma pungente d'um sonso fino, causou ao governo a mais seria dificuldade.

Diacho! se elles mandassem dez comissões, havia logar nos hoteis! Se mandassem uma petição bem feita, um protesto sensato e energico, sempre se lhes havia de responder!

Se se revoltassem, como o velho burgo já não fecha as portas e está arno de pontes levadiças e barbacãs, sempre se lhe podiam mandar cinco ou seis mil homens para o conter!

Mas mandar o coração de D. Pedro! esta não lembra ao demonio!

Sim, onde se havia de metter o coração de D. Pedro — o quarto?

Se elles mandassem, se o tivessem, o coração de D. Pedro — o crú — mandava-se cozer, qualquer panella servia de receptaculo proprio!

Mas de D. Pedro—o IV?... caso era esta virgem nos annaes revolucionarios, caso que collocou os ministros na colisão d'um conselho!

Ahi as opiniões variaram e o sr. José Luciano propoz que no caso de vir o coração se mandasse a El-Rei.



Prudentemente Marianno ponderou, que no estado conalescente em que se acha, nada mais inconveniente do que sujeitar a pessoa d'El-Rei a grandes choques como seria o de ver o coração encanecido de seu avo, expulso do seio da cidade invicta apresentar-se humildemente ao guarda portão do palacio sollicitando agasalho!

Bem pensado alvitre e logo acceto.

Então o ministro da justiça propoz que se mandasse para entre as feras e os tigres para ver se lá encontraria a piedade que não encontrára entre as gentes humanas do Porto!

Objectou-se-lhe que era mais uma viagem de individuo real e que ainda que fosse só o coração, ia justamente a parte que costuma dar mais trabalhos e despesas! Regeitada a idéa.

Navarro, então, levantando-se, como de quem de papo sabe a resolução, propoz e muito sensatamente, entendido como dizem ser em funcionamentos d'este orgão, quer pertença a guerreiro ou vulgar peão, propoz o illustre ministro visto estar vaga a lyra da marinha e só por isso, que no caso de vir o real musculo, o coração do dadór, como para um coração isolado é a maior pena o isolamento, se lhe encontrasse outro que o comprehendesse!

Proposta sublime, cheia d'um senso pratico que lembra Colombo e que apoiada tres vezes, em côro, matou de vez a crise que ameaçava dar-se.

Resolvida a questão faltava encontrar o coração preciso e foi enviado a um novo-velho duque, conhecedor dos corações penantes o cuidado de ter um preçpto, á primeira voz!

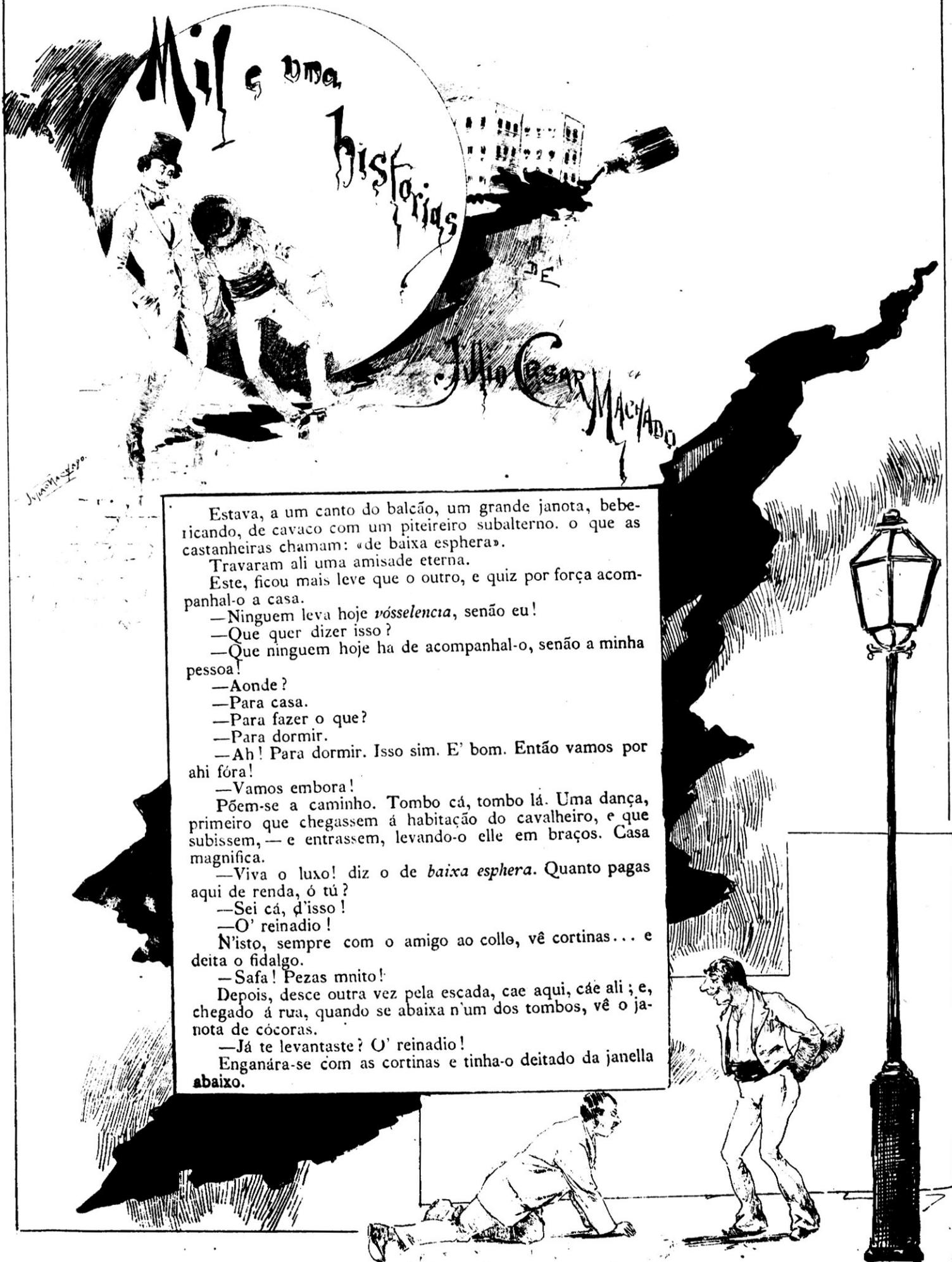
E assim foi que a phrase do imaginoso portuense, esteve para fazer cahir um ministerio que tropeçou de leve nas mais perigosas questões do seu tempo—a agua e o fumo!

E dizem que não é bom saber de tudo! Se é: o saber não occupa logar.

Parabens sr. Navarro!

Coração do imperador soldado, quando quizeres apparece!





Estava, a um canto do balcão, um grande janota, beberricando, de cavaco com um piteireiro subalterno. o que as castanheiras chamam: «de baixa esphera».

Travaram ali uma amizade eterna.

Este, ficou mais leve que o outro, e quiz por força acompanhá-lo a casa.

— Ninguém leva hoje *vósselencia*, senão eu!

— Que quer dizer isso?

— Que ninguém hoje ha de acompanhá-lo, senão a minha pessoa!

— Aonde?

— Para casa.

— Para fazer o que?

— Para dormir.

— Ah! Para dormir. Isso sim. E' bom. Então vamos por ahí fóra!

— Vamos embora!

Põem-se a caminho. Tombo cá, tombo lá. Uma dança, primeiro que chegassem á habitação do cavalheiro, e que subissem, — e entrassem, levando-o elle em braços. Casa magnifica.

— Viva o luxo! diz o de *baixa esphera*. Quanto pagas aqui de renda, ó tú?

— Sei cá, d'isso!

— O' reinadio!

N'isto, sempre com o amigo ao collo, vê cortinas... e deita o fidalgo.

— Safa! Pezas mnito!

Depois, desce outra vez pela escada, cae aqui, cae ali; e, chegado á rua, quando se abaixa n'um dos tombos, vê o janota de cócoras.

— Já te levantaste? O' reinadio!

Enganára-se com as cortinas e tinha-o deitado da janella abaixo.